



STEFANIE

RAMOS DIETZ

Nº 200139009

**BRINCAR AO AR LIVRE  
COM FOCO NA  
IMPORTÂNCIA DA  
EXPLORAÇÃO DE  
MATERIAIS NATURAIS**

Relatório de Projeto de Investigação do

Mestrado em Educação Pré-Escolar

**ORIENTADOR**

Professora Doutora Elisabete Maria Xavier Vieira Gomes

Dezembro, 2023

STEFANIE

RAMOS DIETZ

Nº 200139009

**BRINCAR AO AR LIVRE  
COM FOCO NA  
IMPORTÂNCIA DA  
EXPLORAÇÃO DE  
MATERIAIS NATURAIS**

**JÚRI**

*Presidente:* Professora Doutora Ana Luísa de Oliveira Pires

*Orientadora:* Professora Doutora Elisabete Maria Xavier Vieira Gomes

*Arguente:* Professora Doutora Sofia Figueira

Dezembro, 2023

*“Para a criança é natural maravilhar-se com a descoberta de muitos mundos dentro do mundo.”*

Rasteiro, et. al (2023)

## Agradecimentos

Ao terminar este relatório não posso deixar de expressar a minha felicidade em concretizar este marco tão importante na minha vida, é uma sensação de conquista inexpressável. Este percurso foi repleto de altos e baixos e não estaria aqui se não tivesse tido a bênção de pessoas fantásticas que me apoiaram e deram força nos momentos menos bons. Foram pessoas incansáveis, que sorriram comigo, choraram comigo e me incentivaram a dar sempre o meu melhor e, acima de tudo, a não desistir.

Quero começar por agradecer à **minha família**, em particular **aos meus pais**, que deram tudo por mim e que nunca permitiram que me faltasse nada. Foram os dois grandes pilares que me motivaram e me deram amor, quando mais precisava.

**Ao meu noivo**, que me apoiou sempre, que fez noitadas comigo para que eu não ficasse acordada sozinha e que acreditou sempre em mim, por vezes mais do que eu própria. Foste sem dúvida sempre o meu porto seguro.

**Às minhas colegas** com quem tive a oportunidade de partilhar vários momentos muito felizes ao longo deste percurso.

**Aos professores** que se cruzaram comigo neste percurso, em especial **à minha orientadora Professora Elisabete Gomes**, que me apoiou de forma fenomenal na construção deste relatório, que nunca me deixou desistir e que se mostrou sempre disponível para me ajudar.

**Às Educadoras Cooperantes**, por toda a paciência e partilha ao longo dos estágios. Também à equipa pedagógica de cada instituição.

Por fim, agradecer ainda às **crianças** que tive a oportunidade de acompanhar e que marcaram o meu percurso académico da melhor forma possível.

Este trabalho é dedicado a todos aqueles que, de alguma forma, me ajudaram a alcançar este grande objetivo.

**Muito obrigada a todos.**

## **Resumo**

O presente relatório de projeto de investigação tem como tema o brincar ao ar livre com foco na importância da exploração de materiais naturais.

Metodologicamente, tive como base uma abordagem qualitativa e de investigação-ação. Os principais dispositivos de recolha de dados utilizados para responder à minha questão inicial foram: a observação participante, as notas de campo, as conversas informais e reflexões cooperadas com as educadora, os registos de multimédia e a entrevista realizada às educadoras cooperantes. Foi através destes recursos que consegui compreender quais as necessidades dos grupos e das crianças, estruturando assim as minhas intervenções.

Nos contextos de estágio deparei-me com duas realidades bastante diferentes, sendo que na creche as crianças tinham pouco com a natureza em momentos de exterior, enquanto que no jardim-de-infância esse contacto era regular.

É importante que o adulto compreenda a importância do espaço exterior e dos materiais naturais, bem como os benefícios que estes proporcionam ao desenvolvimento das crianças.

### **Palavras-chave:**

Educação de Infância; Brincar; Espaço exterior; Materiais naturais;

## **Abstract**

This research project focuses on outdoor play with and the importance of exploring natural materials.

Methodologically, I was based on a qualitative and action-research approach. The main collection devices used to answer my initial question were: observation, field notes, informal conversations and reflections cooperated with the educators, multimedia records and the interview carried out with the cooperating educators. It was through these resources that I was able to understand the needs of groups and children individually, thus structuring my interventions.

In the internship contexts I came across two very different realities, with children in daycare having little contact with nature when outdoors, while in kindergarten this contact was regular.

It is important that adults understand the importance of outdoor space and natural materials, as well as the benefits they provide for children's development.

### **Keywords:**

Early Childhood Education; Play; Outer space; Natural materials;

# INDÍCE

Agradecimentos .....	4
Resumo .....	6
Abstract .....	7
Introdução .....	13
Capítulo I – Enquadramento Teórico .....	16
1. Conceito de Brincar .....	17
2. Pedagogia ao Ar Livre .....	20
3. Materiais Naturais .....	24
4. Papel do/a Educador/a .....	25
Capítulo II – Metodologia de Investigação .....	29
1. Investigação Qualitativa .....	30
2. Investigação-Ação .....	32
3. Procedimentos de recolha de informação .....	32
3.1 Observação .....	34
3.2 Notas de Campo .....	35
a) Conversas informais e reflexões cooperadas .....	36
b) Registos de multimédia .....	36
3.3 Pesquisa documental .....	37
3.4 Entrevista .....	37
Capítulo III – Caracterização dos Contextos de Estágio .....	39
1. Instituição A – Creche .....	40
a) Projeto Educativo e Pedagógico da Sala .....	40

b) Infraestruturas e Espaço Físico .....	41
c) Equipas Educativa e Pedagógica .....	41
d) Grupo de Crianças .....	42
e) Organização Temporal da Vida na Sala .....	43
f) Organização dos Espaços e Materiais .....	44
g) Espaço Exterior .....	46
h) Conceções da Educadora A .....	46
2. Instituição B – Jardim-de-Infância .....	47
a) Projeto Educativo e Pedagógico da Sala .....	48
b) Infraestruturas e Espaço Físico .....	48
c) Equipas Educativa e Pedagógica .....	48
d) Grupo de Crianças .....	49
e) Organização Temporal da Vida na Sala .....	50
f) Organização dos Espaços e Materiais .....	51
g) Espaço Exterior .....	52
h) Conceções da Educadora B .....	52
Capítulo IV – Descrição e Interpretação das Intervenções .....	54
1. Intervenções no contexto de Creche .....	56
1.1 Caixa da Natureza – Os Vegetais .....	56
1.2 Caixa da Natureza – As Folhas .....	60
2. Intervenções no contexto de Jardim-de-Infância .....	64
2.1 Herbário .....	64
2.2 Proteger as Árvores .....	69
Capítulo V – Considerações Globais .....	71
Referências Bibliográficas .....	75
Apêndices .....	78
Apêndice 1 - Guião da Entrevista realizada às Educadoras .....	78

Apêndice 2 – Respostas da Educadora A .....	81
Apêndice 3 – Respostas da Educadora B .....	87

# ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 – Espaço Exterior .....	46
Figura 2 – Escorrega presente no espaço exterior .....	46
Figura 3 – Jogo realizado no exterior .....	52
Figura 4 – Casinha de madeira .....	52
Figura 5 – Árvores no espaço exterior .....	52
Figura 6 - Caixa da Natureza .....	57
Figura 7 – O A. a explorar as cenouras que retirou da caixa .....	57
Figura 8 – A A.F. prova a cebola 59 .....	57
Figura 9 - A A.F. faz careta de desgosto .....	57
Figura 10 – Corte, em conjunto, dos vegetais .....	58
Figura 11 – Vegetais cortados e disponíveis para explora.....	58
Figura 12 – O S. carimba com uma cenoura .....	58
Figura 13 – Carimbos realizados com os vegetais .....	58
Figura 14 – O A. e o D. carimbam na sua folha com os vegetais .....	58
Figura 15 – O que está na caixa da natureza? .....	61
Figura 16 – As folhas .....	61
Figura 17 – A A. coloca cola na folha .....	62
Figura 18 – O J. coloca cola na folha .....	62
Figura 19 – Livro “Estranhas Criaturas” .....	64
Figura 20 – Momento de leitura .....	64
Figura 21 – Recolha de folhas de árvore .....	64
Figura 22 – A C. escreve o nome da árvore .....	66
Figura 23 – Herbário da Amoreira .....	67

Figura 24 – Herbário da Oliveira .....	67
Figura 25 – Herbário da Ameixeira .....	67
Figura 26 – Herbário da Romãzeira .....	67
Figura 27 – Herbário da Nespereira .....	67
Figura 28 – Cartaz com as frases das crianças .....	70
Figura 29 – A C. decora o cartaz .....	70

## INTRODUÇÃO

O presente relatório de projeto de investigação-ação foi realizado no âmbito do Mestrado em Educação Pré-escolar, realizado na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Teve início nas Unidades Curriculares de Seminário de Investigação e Projeto I e Estágio em Educação de Infância I, nas quais foram delineadas a temática e os objetivos da investigação, tendo atravessado as UC Seminário de Investigação e Projeto II, Estágio de Educação em Infância II e III.

Este relatório representa o trabalho desenvolvido em três momentos distintos: o primeiro momento de estágio em contexto de creche, que foi acompanhado pela unidade curricular de Estágio em Educação de Infância I, o segundo momento de estágio em contexto de Jardim-de-Infância, acompanhado pela unidade curricular de Estágio em Educação de Infância II e um último momento de estágio, no qual regressei ao contexto de creche e posteriormente acompanhei a educadora cooperante de Jardim-de-Infância no seu novo local de trabalho, em Estágio em Educação de Infância III.

Para enunciar as razões que me levaram a escolher o brincar no exterior e os materiais naturais como tema do meu projeto de investigação é necessário recuar alguns anos, até à minha infância. A minha experiência pessoal enquanto criança mostrou-se preponderante para a preocupação e para o cuidado que tenho hoje para com a natureza que nos rodeia, sendo que desde cedo tive a oportunidade de viver no campo, rodeada de árvores para subir, terra para brincar e muitos animais para conhecer. Ao relembrar a minha infância não posso deixar de referir as agradáveis memórias em que brinquei na rua com os meus vizinhos, brincadeiras que nos faziam subir às árvores e brincar descalços na relva, que tornavam um ramo de uma árvore

numa varinha mágica ou numa espada, onde fazíamos corridas de bicicleta e uma corda para saltar nunca faltava. Recordo-me de com ramos, folhas, terra, pedras, entre tantos outros materiais naturais, eram usados para construir as mais diversas brincadeiras.

Por considerar que a natureza teve um papel tão importante na minha infância senti a necessidade explorar este tema, de forma mais específica e teórica, para que futuramente possa utilizar o estudo realizado na minha experiência pessoal como educadora. Assim sendo, no meu primeiro contexto de estágio, no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar I, deparei-me com algo que a meu ver faz falta em todas as creches e jardins de infância, deparei-me com a inexistência de um espaço exterior amplo com elementos naturais como árvores, terra, areia, onde as crianças possam brincar e explorar, esta foi sem dúvida uma das grandes motivações que me levou a escolher este tema e que me fez lembrar a minha infância, memórias que estimo com tanto carinho. É nas brincadeiras na natureza que as crianças “aprendem a correr riscos (...), a vencer medos, a regular emoções, a fazer novos amigos, a criar novos mundos, onde liberdade e autoconfiança andam de mão dada.” (Marques, 2019, p. 76), como tal deve ser algo bastante valorizado pelos Educadores de Infância que acompanham as crianças no seu crescimento. Pude vivenciar em ambos os meus contextos de estágio o gosto das crianças em se auto-desafiar, em correr riscos e como muitas vezes destes riscos corridos surgiam as mais maravilhosas aprendizagens. Durante as observações realizadas em ambos os estágios surgiu então a minha questão de investigação: **“Como promover a exploração do espaço exterior e dos materiais naturais em educação de infância?”**.

O presente relatório está estruturado pelos seguintes capítulos: **enquadramento teórico de referência**, que apresenta os principais

conceitos e a fundamentação teórica de cada um, **metodologia de investigação**, onde é explicado o tipo de estudo realizado para a o desenvolvimento do projeto, **caracterização dos contextos**, onde são descritos os contextos de creche e jardim-de-infância, **descrição e interpretação das intervenções**, onde descrevo e analiso as atividades/explorações por mim realizadas, **considerações finais**, onde apresento uma reflexão final do meu percurso, enumerando algumas dificuldades sentidas, **referências bibliográfica** onde poderão encontrar as fontes consultadas para a recolha de informação do atual relatório, por último, os **anexos**, com as fotografias dos vários momentos mencionados ao longo do relatório.

**Capítulo I –  
Enquadramento Teórico de  
Referência**

## 1. Conceito de Brincar

Sabemos que o brincar é uma necessidade do ser humano, independentemente da sua cultura, etnia ou idade, mas muitas vezes não compreendemos que não é apenas uma necessidade como também um direito. A Convenção dos Direitos da Criança (1989) refere no Princípio 7.o, “A criança deve ter plena oportunidade para brincar e para se dedicar a actividades recreativas, que devem ser orientadas para os mesmos objectivos da educação; a sociedade e as autoridades públicas deverão esforçar-se por promover o gozo destes direitos”, sendo um direito das crianças existem vários documentos e estudos que abordam a sua importância, o que torna o conceito de brincar num conceito multívoco, um conceito que é compreendido de várias maneiras diferentes por diversos autores e investigadores.

Machado (2003) afirma que o brincar é a nossa primeira forma de cultura. Cultura representa a forma como as pessoas se expressam, convivem, trabalham e inevitavelmente, o modo como as crianças brincam. As várias culturas atribuem diferentes significados ao conceito de brincar que influenciam a forma como as famílias e instituições encaram este momento lúdico, assim sendo, “os efeitos culturais do ambiente familiar não podem ser ignorados, pois têm uma considerável influência sobre os padrões posteriores do comportamento e do brincar da criança.” (Curtis, 2006, cit. por Moyles et al, 2006, p.41).

De acordo com Neto (2020) o brincar representa um comportamento de escolha livre, que tem como base um propósito de exploração, que envolve risco e procura adaptativa, um grande empenho de imaginação e por último,

aprendizagem. Kishimoto (2002) afirma que "O brincar é uma ação livre, que surge a qualquer hora, iniciada e conduzida pela criança; dá prazer, não exige como condição um produto final; relaxa, envolve, ensina regras, linguagens, desenvolve habilidades e introduz a criança no mundo imaginário." (p.1). Ambos os autores definem o brincar como uma escolha livre da criança, algo que não lhe é proposto ou forçado, algo que a criança por ela própria inicia e atribui significado. É ainda importante realçar que deve ser algo que proporciona prazer e felicidade à criança, tal como Kishimoto refere no excerto acima transcrito.

Devido ao "brincar" ser algo natural da criança, algo que ela própria inicia e conduz, este nem sempre é algo valorizado na educação de infância, por ser aparentemente desprovido de intenção. É muitas vezes condicionado pelos adultos nas salas de creche e jardim de infância e substituído por tarefas ou trabalhos que têm um objetivo específico. Posto isto, é importante compreendermos que "O brincar não significa apenas uma actividade desprovida de Intenção. Verifica-se o oposto, pois é a mais completa ferramenta que a criança possui para comunicar, compreender e explorar o seu mundo." (Gomes, 2010, p.46). Santos (2002) acrescenta ainda que o brincar é uma necessidade do ser humano, não importa a idade. Brincar impulsiona o desenvolvimento pessoal, social e cultural e proporciona uma boa saúde mental.

Na educação de infância deparamo-nos com vários tipos de brincar, nomeadamente o brincar livre e o brincar orientado. O brincar livre surge a partir do interesse e iniciativa da criança, enquanto o brincar orientado, devendo também ir ao encontro do interesse da criança, é orientado pelo educador de infância, tendo objetivos específicos de aprendizagem pelo mesmo definidos. Temos como exemplo de brincadeira livre o "faz de conta", onde podemos observar a forma como a criança visualiza o mundo

em que vive, a forma como lhe parece correto agir quando se depara com determinadas situações nas quais esta se envolve intrinsecamente. Tal como Duarte (2006) afirma:

A brincadeira de papéis influencia decisivamente o desenvolvimento global da criança. Ao brincar, ela aprende a ser e agir diante das coisas e das pessoas, pois é a partir das ações práticas realizadas que os processos internos se estruturam, orientando outras ações práticas, mais autónomas e complexas, que enriquecerão os processos internos e assim sucessivamente. (p.39).

Na brincadeira orientada, conforme Kishimoto (2003), o educador tem o papel de mediador, organizando os materiais e o espaço, mas também de regulador, prestando apoio ao longo da ação intervindo quando necessário e de modo a proporcionar a aquisição de conteúdos predeterminados. Uma outra perspetiva é relativa ao jogo, nomeadamente o jogo educativo. Segundo Kishimoto, Maria Montessori e Oliver Decroly, consideram que “o jogo educativo é uma mistura da ação lúdica e a orientação do professor visando objetivos como a aquisição de conteúdos e o desenvolvimento de habilidades e, ao mesmo tempo, o desenvolvimento integral da criança.” (Kishimoto, 2003, p.23), ou seja, o jogo educativo, tem duas vertentes, a lúdica e a educativa. Na vertente lúdica a criança tem a oportunidade de explorar, mexer com as próprias mãos, manipular e acima de tudo brincar retirando o máximo prazer da situação apresentada. Esta vertente é completada com a vertente educativa, que se foca no papel do educador, na sua intencionalidade e orientação do momento

## 2. Pedagogia ao Ar Livre

A pedagogia ao ar livre tem por base uma educação que valoriza a importância do espaço exterior para o desenvolvimento das crianças. Baseia-se na ideia que

O tempo de ar livre ou exterior é uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas. As crianças prolongam e continuam as suas brincadeiras de interior num contexto mais expansivo, examinam os ambientes naturais (...) e experimentam a mudança das condições atmosféricas e das estações do ano. (Hohmann & Weikart, 1997, p.432).

Completando esta ideia, as OCEPE (2016) referem-se ao espaço exterior como “um espaço educativo pelas suas potencialidades e oportunidades que pode oferecer, merecendo a mesma atenção do/a educador/a que o espaço interior” (Silva et al., 2016, p. 27). Assim sendo, na pedagogia ao ar livre é importante que todas as potencialidades do espaço sejam aproveitadas e estudadas pelo educador. Sempre que possível as crianças devem explorar estes espaços de forma livre, para que por elas mesmas atribuam significados às suas brincadeiras. Desenvolvem assim a sua capacidade de decisão, escolhendo ao que brincar e com o quê, e as suas capacidades sociais, decidindo com quem querem brincar.

Hanscom (2018) defende e afirma que se compararmos as crianças que brincam dentro de casa com as crianças que brincam ao ar livre é possível observar que as crianças que possuem oportunidade de brincar ao ar livre têm mais vantagens e facilidade no desenvolvimento, visto que o espaço exterior é um ambiente que permite aceitar os mais diversos desafios, bem como avaliar os vários riscos, levando às mais infinitas aprendizagens. Por exemplo, podemos observar que uma criança que brinca dentro de casa, em

chão plano e uniforme, desenvolve a sua motricidade grossa num ritmo bastante diferente do que a de uma criança que brinca ao ar livre, em chão irregular, onde encontra pedras, raízes, troncos e texturas térreas completamente distintas. Estas irregularidades térreas criam desafios, bem como riscos que as crianças aprendem a avaliar se são ou não adequados ao seu nível de motricidade.

Para realçar esta ideia, o espaço exterior é ainda um local de inspiração para a mente, um local de calma e paz, que permite que a criança se perca nos seus pensamentos e na sua imaginação, estimulando as crianças a pensar de forma mais criativa e a desenvolver as suas fantasias. A autora salienta também a importância de as crianças estabelecerem uma ligação com os elementos naturais, os objetos da natureza, pois estes, sendo desprovidos de intenção como materiais didáticos, desafiam a mente, a imaginação e transmitem verdadeira alegria. Bento (2020) defende que “os espaços exteriores podem contribuir para o equilíbrio psicológico do sujeito, apoiando na recuperação de estados de fadiga, stress ou ansiedade (...) oferecem estímulos suscitadores de tranquilidade, introspeção, respeito e ligação aos outros e ao mundo” (p.10).

Para além de desafiar a mente, o espaço exterior permite ainda desafiar o corpo, tal como Bento (2020) afirma “a criança tem a possibilidade de (no espaço exterior) experienciar conceitos como o peso, a força, o tamanho, a distância, o tempo, a gravidade, entre outros, dando os primeiros passos no desenvolvimento do pensamento científico” (p.7), para além de explorar o corpo de forma científica Bento salienta ainda que a brincadeira no exterior permite explorar o corpo de forma física, mas sem se tornar num momento competitivo, onde as crianças podem usufruir das explorações motoras apresentadas e realizar os mais diversos conhecimentos pessoais (p.9).

No espaço exterior, as crianças entram não só em contacto com novos materiais, como também, muitas vezes, com a natureza e com o mundo que as rodeia. No âmbito da pedagogia ao ar livre é possível trabalhar várias vertentes, uma delas a educação ambiental, que está diretamente ligada ao ar livre. É muito importante dar a conhecer às crianças o mundo onde vivem e como o podem proteger e ajudar, no entanto,

Uma educação ambiental na infância não se pode implementar de uma maneira abstrata. As crianças precisam de experimentar e estudar a natureza de uma forma concreta, descobrindo o seu modo de funcionamento, explorando os seus segredos e criando empatia e vinculação afetiva. (Neto, 2020, p.153).

Daí a importância de desenvolver atividades e explorações no exterior e de ter uma pedagogia ao ar livre que permita que estas aprendizagens e valores sejam apreendidos para o futuro.

Na pedagogia ao ar livre é importante pensar na organização dos espaços exteriores disponibilizados. Estes necessitam de tanta dedicação e planeamento como os espaços interiores. Bento (2020) refere quatro linhas orientadoras para a organização de espaços exteriores: a *dimensão*, a *acessibilidade*, a *manutenção e segurança* e as *oportunidades de ação*. Na *dimensão* vemos qual importância de rentabilizar ao máximo o espaço que nos é oferecido, bem como, a importância de tirar partido do que neste espaço se encontra, a autora defende que “A dimensão do espaço exerce uma influência significativa na qualidade do brincar, afetando o conforto, o bem-estar, a motivação e a disponibilidade de crianças e adultos para usufruir do tempo passado ao ar livre” (p.11), assim sendo, é importante garantir que o espaço exterior é adequado ao número de crianças que o irão utilizar em simultâneo, não deve ser demasiado pequeno, podendo criar conflitos ou momentos confusos, mas também não deve ser demasiado grande pois deve

permitir interação entre os pares. Relativamente à *acessibilidade* é importante compreender a importância da criança desenvolver um sentido de pertença no espaço exterior, para tal é necessário que se dê a oportunidade e “possibilidade de circular de forma autónoma, encontrando trajetos sem saída, cruzamentos, túneis, escadas, etc.” (p.12), é importante que a criança explore e conheça o meio que a rodeia, possibilitando a circulação entre espaços, exterior e interior. A organização e funcionalidade do espaço exterior depende em grande parte da *manutenção e segurança* desenvolvida, este espaço necessita de uma arrumação simples e eficaz e de materiais duradouros e sustentáveis. As iniciativas de manutenção devem envolver as crianças, promovendo mais uma vez o seu sentido de pertença e ligação a este espaço. Por último, é importante criar *oportunidades de ação* “relacionadas com dimensões de conforto e proximidade, risco, socialização, movimento e exploração do meio.” (p.13). Num espaço em que é dada à criança autonomia e acessibilidade para explorar de forma livre é importante compreender que existem riscos associados, como tal estes riscos devem ser avaliados pelo adulto para garantir que são adequadas à faixa etária a que se destina,

As experiências de risco oferecidas pelos espaços não devem ser nem demasiado difíceis, ao ponto de gerarem frustração, desmotivação ou perigo, nem demasiado fáceis, transmitindo uma mensagem implícita de desinteresse e desconsideração pelas capacidades da criança. (p.14).

Diretamente ligada às *oportunidades de ação* está ainda o uso de materiais naturais, que são de grande importância num espaço exterior, visto que “Os materiais naturais podem constituir-se como importantes estímulos para a imaginação, pensamento divergente e capacidade de inventividade da criança, possuindo um nível de ambiguidade que permite diferentes interpretações e utilizações mediante o significado atribuído” (p.15”). Neste

espaço devem encontrar a “presença de animais, plantas, paus, rochas, folhas, areia, solo, água” (p.15), visto que estes materiais promovem atividade do faz de conta, usando, por exemplo, um pau para servir de espada ou varinha mágica. Para além de promover as atividades de faz de conta, o tempo passado no exterior e em contacto com a natureza permite a criação de vínculos afetivos entre as crianças e o meio que as rodeia, tal com Gonçalves, et al. (2023) afirmam, com o tempo “as crianças começaram a conversar/interagir com as árvores, passando estas a fazer parte das brincadeiras, como mais um amigo” (p.24), Louv (2018) aborda também este assunto, dando o exemplo de uma aluna, que lhe disse que cada vez que aprende o nome de uma planta se sente como se estivesse a conhecer uma pessoa nova, “Dar o nome a uma coisa é uma forma de conhecê-la” (p.63). Quanto mais as crianças tem oportunidade de conhecer a natureza, de brincar com a natureza, mais eles a passam a amar, cuidar e respeitar o mundo onde vivem.

### **3. Materiais Naturais**

É essencial abordar também a exploração dos materiais naturais. Esta exploração pode ser realizada tanto nos espaços exteriores da creche e do jardim-de-infância, em espaços de natureza, ou mesmo dentro da sala. É também possível trazer a natureza para dentro da sala, pode levar-se elementos como por exemplo flores, frutos, folhas, areia, água, vegetais entre outros, com os quais as crianças podem contactar e explorar. Bilton, Bento e Dias defendem que os materiais naturais permitem inúmeras possibilidades de utilização, partindo dos interesses e características de cada criança, ou seja, por exemplo, para uma criança um pau poderá ser uma espada enquanto que para outra poderá ser uma bengala, não tem um uso pré-definido. Para completar esta ideia, os autores afirmam “A

exploração de materiais naturais é orientada pela curiosidade inata da criança pelo seu desejo de aprender. Na sua ação, a criança descobre diferentes utilizações para os objetos, atribuindo-lhes funções e significados distintos.” (Bilton, Bento & Dias, 2017, p.49).

Goldschmied (2007) afirma uma simples planta proporciona as mais diversas oportunidades de exploração e de experiências sensoriais. Com plantas podemos explorar as cores, os cheiros e as texturas. Numa árvore é possível explorar o tronco, as folhas, as flores, a raiz, o caule, os ramos, e até mesmo os sons (p.209). Todos os materiais naturais proporcionam as mais diversas possibilidades de exploração e de aprendizagem, bem como a possibilidade de a criança conhecer o mundo onde vive, criando através da brincadeira com estes materiais, vínculos afetivos e sensação de pertença. Sabendo que nem todas as instituições oferecem a possibilidade de os explorar no seu meio natural, os mesmos devem ser levados para dentro das salas.

#### **4. Papel do/a Educador/a**

Partindo do princípio de que o espaço exterior é um local privilegiado de desenvolvimento e aprendizagem, o educador, enquanto gestor do currículo, deve organizar o espaço e o tempo, de forma a proporcionar aprendizagens a todos os níveis.

Tendo por base desta ideia do tempo no exterior, Rasteiro, et al. (2023) afirmam que no exterior deve ser potenciado o tempo de escuta e observação para que as crianças tenham a oportunidade de sentir e conhecer o meio que as rodeia, “as crianças requerem (tempo) para se apropriar dos locais, para

observar, ouvir, estar e pertencer “ (p.6) e é importante que as crianças o façam ao seu ritmo. Quando o tempo é limitado as experiências e conexão das crianças com o mundo são “interrompidos”.

Para além da importância do tempo, é ainda importante o educador compreenda como apoiar as crianças neste tempo ao ar livre, tal como Hohmann & Weikart (1997) referem “Para apoiar as crianças no tempo de exterior é importante que os adultos percebam que elas gostam do desafio das atividades físicas” (p.435). Partindo desta ideia é importante compreender que apesar de ter os devidos cuidados é importante que o educador deixe que as crianças explorem e as incentive a experimentem coisas novas. Bilton, Bento e Dias afirmam que devemos “dar espaço à criança para que esta teste os seus limites e tome decisões, de forma autónoma, em relação àquilo que é ou não capaz de fazer, não invalida o valor do papel do adulto nas situações de desafio, seja como observador ou participante ativo.” (2017, p.69).

O educador, nos momentos de brincadeira no exterior, tem um papel muito importante na observação do grupo, não só para garantir a segurança de todos, mas também para observar o desenvolvimento de cada criança e as suas aprendizagens. Na perspetiva de Ferreira (2010), o educador pode desempenhar três funções perante as brincadeiras das crianças: observador, catalisador e participante ativo. A intervenção do educador no brincar, deve principalmente basear-se numa observação atenta e cuidadosa. É através da observação que obtemos informações para tomar decisões sobre quando e como intervir com as crianças. Teixeira e Ludovico (2007) consideram que “[...] observar cada criança e o grupo em geral é uma prática necessária para conhecer as capacidades, interesses e dificuldades das crianças” (p. 47) pois é através desta observação que se adequa o método educativo às suas

necessidades, passando a ter intervenções sustentadas pelos seus interesses e dificuldades.

Bento (2020) atribui também 3 papéis ao adulto no espaço exterior, o papel de organizador, “criando desafios e estímulos que envolvam diferentes áreas do desenvolvimento/conhecimento, que atendam às necessidades das crianças” (p.16), o papel de observador, “identificando interesses, sentimentos, dificuldades e forças de cada criança”(p.16) e o papel de promotor, apoiando a resolução de problemas, dialogando sobre as situações, oferecendo incentivos e segurança emocional” (p.16). Defende que estes 3 papéis devem funcionar de forma combinada e cuidada, de forma a encontrar um equilíbrio entre o dar espaço para que as crianças possam desenvolver experiências sozinhos ou com os pares, e garantir que a criança sente que encontra no profissional um apoio sempre que necessário.

É também muito importante que o educador se junte à brincadeiras das crianças “(...) desça no escorrega com as crianças, suba e desça escadas, role pela colina abaixo, pule no monte de folhas secas (...) sugira novas ideias para a continuação da brincadeira.” (Hohmann e Weikart, 1997, p.439). O facto de adulto interagir nas brincadeiras das crianças permite não só que sejam desenvolvidos laços afetivos mais fortes, como também a confiança e respeito mútuo. É importante sublinhar que estas interações e intervenções devem ser cuidadas e pensadas por parte dos adultos previamente. Nem sempre pode ser benéfico para a criança que o adulto intervenha, por exemplo se a criança está a realizar um puzzle, mas encontra-se com algumas dificuldade ao encaixar as ultimas peças, o adulto chegar e completar o puzzle pela criança compromete a aprendizagem da atividade. Embora tenha sido evidenciado que é importante a intervenção do adulto, por vezes “ [...] a melhor coisa que se pode fazer para ajudar na aprendizagem é se afastar e

deixar a criança experimentar” (Jablon, Dombro, & Dichtelmiller, 2009, p. 35).

**Capítulo II –  
Metodologia de  
Investigação**

## **1. Investigação Qualitativa**

O presente estudo enquadra-se na investigação qualitativa. A investigação qualitativa passa por vários processos que permitem a recolha de novas informações e interpretações, Alves e Azevedo afirmam “A abordagem qualitativa oferece um conjunto variado de técnicas que devem ser escolhidas de acordo com o objecto da investigação, os seus objectivos, as condições em que decorre e os próprios interesses e experiência do investigador;” (2010, p.50), ou seja, os processos e técnicas da investigação variam de acordo com os objetivos e resultados que pretendemos alcançar.

Bogdan e Biklen afirmam que a investigação qualitativa possui cinco características importantes. Enunciam que na investigação qualitativa “a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal.” (Bogdan & Biklen, 1994, p.47), assim sendo, mesmo que os dados sejam obtidos através de fotografia ou vídeo, são sempre obtidos através de contacto directo do/a investigador/a com o contexto em que se encontram. Os investigadores observam no ambiente natural, lidando directamente com as circunstâncias existentes.

Outra característica da investigação qualitativa é que esta é descritiva, “Os dados recolhidos são em forma de palavras ou imagens e não de números.” (Bogdan & Biklen, 1994, p.48), podendo variar entre fotografias, vídeos, notas de campo, áudios e outros registos oficiais.

Tal como defendem Bogdan e Biklen (1994) “Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos.” (p.49), é dada uma grande importância a todo o processo de construção da investigação, visto que para compreender um

resultado final necessitamos de todo o processo que levou ao mesmo, o que torna o processo uma parte fulcral e insubstituível da investigação.

Os investigadores qualitativos tendem a analisar os seus dados de forma indutiva, ou seja, quando recolhem os dados não é com objetivo de defender hipóteses previamente construídas, mas sim para que conforme acrescentam novas recolhas de dados à investigação possam formar novas conclusões.

Por último, para a investigação qualitativa “O significado é de importância vital (...).” (Bogdan & Biklen, 1994, p.50). Os investigadores interessam-se particularmente em compreender, para os intervenientes, qual o significado que estes atribuem a ao que ali vivenciam.

A investigação qualitativa em educação permite que os educadores tenham novas ferramentas que os ajudem a olhar para o mundo com olhos “novos”, faz com que sejam capazes de se colocar questões acerca dos seus métodos educativos diários, levando a que estejam em constante evolução e aprendizagem. Na educação a investigação qualitativa passa muitas vezes por tirar apontamentos ou fotografias para registrar determinada situação ou descoberta, e esta para mim foi uma das características que se demonstrou mais eficaz no meu primeiro contexto de estágio.

É importante compreender que “Na investigação qualitativa o questionamento é um processo em constante elaboração e reelaboração, neste sentido, é parte integrante de qualquer projeto e processo de investigação que procure um melhor entendimento e compreensão da realidade que estuda.” (Alves & Azevedo , 2010, p.53). Para dar início a uma investigação qualitativa em educação, é necessário que o investigador/educador seja movido pelo querer saber mais, querer compreender melhor determinada informação ou esclarecer dúvidas acerca

dos seus métodos, depois de se questionar e ter uma base de dúvidas passa por todo um processo de criar hipóteses e estudá-las para posteriormente poder aplica-las na sua prática educativa.

## **2. Investigação-Ação**

De acordo com Coutinho et al. (2009)

A Investigação-Ação pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem acção (ou mudança) e investigação (ou compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre acção e reflexão crítica. (p.360).

Ou seja, a Investigação-Ação parte sempre da problemática a estudar, tendo por base uma pesquisa “(...) essencialmente prática e aplicada, que se rege pela necessidade de resolver problemas reais.” (Coutinho, et al., 2009, p.362) e que tem como processo várias reflexões críticas, reflexões sobre as ações, análises, o uso de várias técnicas de investigação e a “recolha de informações sistemáticas com o objetivo de promover mudanças sociais” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 292).

De acordo com vários autores a Investigação-Ação tem por base cinco características (Coutinho et al, 2009, p.363):

1. É prática e colaborativa, visto que todos os intervenientes são implicados no processo. (Zuber-Skerrit, 1992, citado por Coutinho et al, 2009);
2. É prática e interventiva, pois intervém no contexto em que estuda. (Coutinho, 2005, citado por Coutinho et al, 2009);

3. É cíclica, porque a investigação tem por base vários ciclos que envolvem a teoria e a prática. (Cortesão, 1998, citado por Coutinho et al, 2009);

4. É crítica, pois os participantes “actuam como agentes de mudança, críticos e autocríticos das eventuais restrições.”, procurando sempre que possível melhorar as práticas utilizadas. (Zuber-Skerrit, 1992, citado por Coutinho et al, 2009);

5. É auto-avaliativa, na medida em que este processo tem por base uma avaliação continua e constante. (Coutinho, et al., 2009).

Posto isto, podemos voltar a concluir que a investigação-ação tem por base um processo que passa por várias etapas. É importante compreender que cada processo leva o seu tempo e que muitas vezes ao responder uma questão surge a questão seguinte relativamente ao mesmo tema e é assim que depois se inicia um segundo ciclo de pesquisa, reflexão e análise. Nas práticas educativas é muito importante a realização da Investigação-Ação de forma a “(...) observar e refletir mais cuidadosamente do que aquilo que se faz no dia-a-dia, no sentido de induzir melhorias nas práticas e um melhor conhecimento dos práticos à cerca das suas práticas.” (Zuber-Skerrit, 1996, citado por Coutinho et al, 2009, p.363). O investigador, ou educador, quando se aplica a contextos educativos, envolve-se ativamente, tornando-se no agente de mudança.

### **3. Procedimentos de recolha de informação**

Após identificar a situação-problema e, conseqüentemente, o tema do meu projeto de investigação, foi essencial seleccionar quais os procedimentos de

recolha e tratamento de informação que iria utilizar para a realização do meu projeto.

### **3.1. Observação**

Segundo Aires (2015)

A observação consiste na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto directo com situações específicas. Esta técnica existe desde que o homem sentiu necessidade de estudar o mundo social e natural (de Aristóteles a Comte, até aos nossos dias) e constitui uma técnica básica de pesquisa. ( p.24).

Posto isto, a observação é uma base essencial para a recolha de informação, é um método de recolha natural, é através da mesma que se conhece as crianças, as suas características, o meio envolvente, e posteriormente se consegue realizar uma recolha de dados completa. É importante destacar que “O observador não manipula nem estimula os seus sujeitos.” (Aires, 2015, p.25), o observador simplesmente observa e ao observar aprende e adquire as informações e aprendizagens que necessita. Carmo e Ferreira (2008), defendem que a observação passa por a seleccionar qual a informação pertinente para o estudo, de forma a posteriormente realizar uma descrição e interpretação adequada à realidade em questão (p.111).

Bogdan e Biklen (1994) defendem que existem diversos tipos de observadores na realização de estudos. Existe o observador que “tem um envolvimento completo com a instituição, existindo apenas uma pequena diferença discernível entre os seus comportamentos e os do sujeito” (Bogdan & Biklen, 1994, p. 125), e o observador que não participa em atividades do local onde decorre o estudo e apenas observa os acontecimentos. Defendem,

no entanto, que deve ocorrer, por parte dos investigadores, uma tentativa de atingir um equilíbrio entre a observação e a participação, sendo que para isso se deve por base o estudo que está a ser elaborado e as suas necessidades. Existem situações em que este equilíbrio pode ser difícil de atingir, Bogdan e Biklen (1994) constataram que em pequenos grupos, com membros “abertos” e que partilham com facilidade e em grande escala, é difícil não participar mais do que observar.

Relativamente à minha observação considero que foi uma dificuldade tentar manter o equilíbrio, visto que os grupos que observei e acompanhei eram compostos por crianças muito participativas o que me levou a maioritariamente realizar uma observação mais participante.

### **3.2. Notas de Campo**

Tendo em conta o meu tema de investigação um dos principais procedimentos de registo de observação ao qual recorri foram as notas de campo. Bogdan e Biklen afirmam que “Embora os investigadores saibam que as notas de campo são fundamentais para a observação participante, alguns esquecem que podem ser um suplemento importante a outros métodos de recolha de dados.” (1994, p.150), tal como pude posteriormente comprovar, recorri muitas vezes às notas de campo para realizar uma melhor análise, por exemplo documental.

Desde o início ao final do meu primeiro estágio levei sempre comigo um pequeno caderno e senti uma grande necessidade de apontar tudo o que me parecia pertinente para o estudo, ao final do dia fazia pequenas reflexões diárias, reconstruía diálogos de conversas com as crianças ou conversas entre

as crianças, descrevia acontecimentos e atividades, com especial foco nos momentos que considerava mais importantes.

#### **a) Conversas informais e reflexões cooperadas**

Ao longo dos estágios foram muitas as conversas informais que tive a oportunidade de ter com as educadoras cooperantes. As conversas informais e foram indispensáveis para compreender a conceção das educadoras (e das ajudantes de ação educativa) relativamente ao tema do meu projeto de investigação. Outro instrumento muito valioso para este estudo foram as reflexões cooperadas com as educadoras, estas reflexões formais demonstraram-se um instrumento que me ajudou a compreender a coerência entre as ações e prática das educadoras, bem como promover uma reflexão mais completa sobre o meu tema de projeto final.

#### **b) Registos de multimédia**

Ao longo do estágio recorri também a registos de multimédia, como vídeos e fotografias. Este foi outro procedimento que para mim se mostrou muito eficaz para posteriormente consolidar, por exemplo, com as minhas notas de campo. Facilitou bastante a compreensão das situações e momentos que registrei porque conseguia voltar a observá-los e muitas vezes reparar em coisas que anteriormente não tinha observado, tal como Bogdane Biklen (1994) referem, mostrou-se ser um “meio de lembrar e estudar detalhes que poderiam ser descurados se uma imagem fotográfica não estivesse disponível” (Bogdan e Biklen, 1994, p. 189).

Uma parte que considerei muito importante neste procedimento foi tentar ao máximo que as crianças não se apercebessem que estava a tirar fotografias ou a gravar um vídeo, isto porque “O investigador fotográfico

tem de passar a ser, tanto quanto possível, invisível.” (Bogdan & Biklen, 1994, p.141), porque as crianças ao perceberem que estão a ser filmadas ou fotografadas podem acabar por se distrair ou alterar o seu comportamento. De acordo com Bogdan e Biklen (1994), existem duas formas de minimizar a presença do fotógrafo: através da familiaridade e da distração. Considero que com o passar do tempo, estando integrada no dia-a-dia das crianças, se foi tornando mais fácil registrar estes momentos sem que estas se apercebessem da presença de uma máquina fotográfica.

Ao chegar ao estágio tive o cuidado de pedir autorização à educadora para realizar estes registos, comprometendo-me a desfocar a cara das crianças quando as fotografias fossem utilizadas para qualquer trabalho.

### **3.3. Pesquisa documental**

Para complementar a minha investigação, ao longo dos estágios analisei vários documentos produzidos pelas educadoras, como o projeto educativo e o projeto pedagógico de sala, de forma a compreender os princípios orientadores e em especial, a importância dada à brincadeira no exterior e ao contacto com a natureza. Todos estes documentos ajudaram-me a obter informações sobre a instituição, sobre as crianças da e sobre o trabalho realizado em sala.

### **3.4. Entrevista**

Para além dos procedimentos já acima referidos tive também a oportunidade de realizar uma entrevista com as educadoras cooperantes, onde coloquei questões relacionadas com o tema do meu projeto de investigação. Através

do mesmo tive a oportunidade de compreender as suas conceções sobre o tema do projeto - Brincar ao ar livre com foco na importância da exploração de materiais naturais.

Em relação ao conteúdo, as questões das entrevistas semiestruturadas “derivam de um plano prévio, um guião onde se define e regista, numa ordem lógica para o entrevistador, o essencial do que se pretende obter” (Amado, 2014, p. 209). Apesar de ter um guião definido antes da entrevista foi dada a liberdade de resposta ao entrevistado, podendo acrescentar pontos que fossem para o mesmo considerados fulcrais. A entrevista foi realizada de forma pouco formal, decorreu como uma conversa, para que os entrevistados se sentissem à vontade, visto que “as boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista” (Bogdan & Biklen, 1994, p.136).

**Capítulo III –  
Caracterização dos  
Contextos de Estágio**

No presente capítulo descrevo os três contextos de estágio, nos quais realizei as minhas intervenções, começando por caracterizar o projeto educativo e pedagógico de sala, as infraestruturas e o espaço físico, as equipas educativas e equipas pedagógicas de sala, os grupos de crianças, a organização das rotinas, dos espaços e dos materiais e, por último, os espaços exteriores das instituições.

## **1. Instituição A – Creche**

Esta instituição insere-se na rede de estabelecimentos de ensino particular e cooperativo. Foi fundada na década de 1961, e acompanha alunos e crianças desde a educação em creche até ao secundário. Localiza-se no concelho de Setúbal, numa zona que possibilita a visita a vários locais de interesse turístico e cultural.

O seu horário de funcionamento inicia às 7h30 e vai até às 19h.

### **a) Projeto Educativo e Pedagógico de Sala**

De acordo com o site da instituição, é possível compreender que os seus objetivos estão de acordo com a Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar. Esta escola é conhecida pela importância que dá à arte, tendo um projeto educativo que demonstra que a Arte é indispensável no desenvolvimento pessoal, social e cultural, e é forma de saber, de estar, de comunicar e de aprender. Defendem que “Se a criança vivenciar a arte durante o seu desenvolvimento, estas formas de expressão tornam-se indispensáveis no seu quotidiano e proporcionarão um crescimento mais harmonioso.” (Projeto Educativo da Instituição A, 2019/2022, p.37). O tema do projeto Educativo da Instituição é a “Sustentabilidade”. Partindo deste tema, para o projeto

pedagógico, as salas de creche escolheram o tema “Brincadeiras Sustentáveis em Creche”. Os objetivos para este projeto são traçados pela educadora de infância responsável, sendo que são sempre pensados de acordo com o grupo de crianças que tem, os seus interesses e as suas características individuais como também as de grupo. Partindo do projeto consegui encontrar vários temas e explorações realizadas em sala que iam ao encontro do meu tema de projeto final, o que considero que me beneficiou bastante. É ainda importante referir que o projeto pedagógico de sala não me foi facultado na altura do estágio por estar ainda em vias de finalização.

### **b) Infraestruturas e Espaço Físico**

A instituição está dividida em dois pisos, sendo que, no piso inferior apenas se encontra uma secretaria e a casa de banho dos adultos. No piso superior podemos encontrar a sala de berçário, duas salas de creche, uma com crianças de um a dois anos e outra com crianças dos dois aos três anos de idade, e outras três salas de Jardim-de-Infância, uma com crianças dos três aos quatro e outra com crianças dos quatro aos seis anos de idade. Podemos ainda encontrar um refeitório, duas casas de banho e um espaço exterior.

### **c) Equipas Educativa e Pedagógica**

Relativamente aos recursos humanos, a instituição tem 21 colaboradores, estes distribuem-se em Corpo Docente, Corpo Não Docente, Cozinha, Serviços Gerais e Serviços Administrativos.

As equipas pedagógicas são por norma compostas por uma Educadora e uma Assistente Educativa, com exceção da sala de berçário, que é composta por uma Educadora e duas Assistentes Educativas.

Na sala de creche onde estagiei a equipa era composta por uma educadora, uma assistente de sala e no final do dia por uma assistente educativa que apoiava as saídas das 18h30 às 19h00.

#### **d) Grupo de Crianças**

A sala amarela era frequentada por 13 crianças, 7 meninas e 6 meninos com idades compreendidas entre um ano e onze meses e os três anos. Desde o primeiro dia de estágio pude observar que este era um grupo que gostava bastante de ouvir histórias e cantar, integra algumas crianças mais novas e é um grupo que demonstra capacidade de estar sentado no tapete mantendo a concentração. Para além de gostarem de ouvir histórias, é um grupo que sempre gostou de interações, eram crianças dinâmicas com vontade de explorar, como tal, pude observar que demonstravam especial interesse em materiais naturais e materiais não estruturados. “Os materiais improvisados e simples, tais como molas de roupa, embalagens vazias, pedaços de pano resistente, bocados de corda pequenos e limpos, e outros materiais, são muitas vezes superiores aos brinquedos de fábrica pretensiosos” (Gesell, 2000, p. 359), porque dão a oportunidade às crianças de criar brincadeiras, de usar a imaginação e de brincar com materiais que provavelmente encontram em suas casas ou na rua com funções completamente diferentes.

Partindo de momentos de brincadeira livre, é um grupo no qual surgem então alguns conflitos tão característicos nestas idades. Partilhar não é fácil, eles olham para os objetos como *É meu!*, tal como os autores Post & Hohmann (2011) afirmam “À medida que as crianças pequenas vão ganhando um sentido de si e começam a reclamar as coisas como “Minhas!” também se envolvem em conflitos sociais” (p.89), como tal, é importante que os adultos da sala estejam atentos a estes conflitos de forma a conseguirem ajudar as crianças resolvê-los, sendo que muitas vezes não

conseguem resolver este tipo de conflitos sozinhas.

### **e) Organização Temporal da Vida na Sala**

Tal como Oliveira-Formosinho e Araújo afirmam

No que concerne à dimensão pedagógica do tempo, o ritmo do dia, torna-se bastante óbvia a necessidade de pensar acerca de processos educativos de organização temporal que criem espaço para o individual, para pequenos grupos, para o grupo como um todo; que promova interesses e motivações plurais, assim como identidades e culturas plurais, (...) (2013, p. 17).

Como tal é importante existir uma organização temporal que permita uma rotina que acima de tudo ponha em primeiro lugar o interesse das crianças e das famílias. É também importante relembrar que “O tempo das crianças não é o do relógio, mas o da potência dos momentos vivenciados. As crianças conferem a cada momento a sua unicidade, pois não significam o tempo do mesmo modo que os adultos.” (Carvalho, 2015, p.124).

A abertura da instituição é feita às 7h30, por duas auxiliares. As educadoras chegam todas por volta das 8h30 e é a partir desta hora começam a chegar as crianças. A rotina da sala começa às 9h00 com o acolhimento individual de cada criança, conforme estas vão chegando à instituição. Das 9h30 às 9h45 é feita uma pequena merenda onde as crianças comem ou uma bolacha ou um iogurte que trouxeram de casa, ainda nesta hora e após esta merenda é feita a lavagem de mãos e higiene se necessário. O acolhimento em grupo é feito das 9h45 às 10h00, onde as crianças em conjunto cantam a música do “Bom dia”, retiram as suas fotografias de casa e põe na sala amarela. Das 10h00 às 10h45 as crianças ou brincam livremente ou têm uma atividade estruturada, à quarta-feira em que têm aula de música neste horário ou à

quinta-feira que tem aula de motricidade.

O almoço é realizado entre as 11h30 e o 12h15, onde as crianças no refeitório realizam a sua refeição. Algumas crianças comem comida da escola sendo que outras trazem a comida de casa. É ainda neste horário que é feito um momento de higiene de forma a preparar as crianças para a sesta.

Entre as 12h30 e 15h30 as crianças dormem a sesta na sala, onde são colocados os catres com os lençóis e mantas respetivos de cada um, as janelas e precianas são fechadas e por norma a educadora coloca uma música baixinho para que as crianças percebam que passaram do momento do almoço para um momento mais calmo. Entre as 15h30 e as 16h15 é a altura do lanche da tarde, onde as crianças comem os respetivos lanches que trouxeram de casa e depois realizam a higiene, ou seja, limpeza das mãos e da boca e troca de fralda se necessário.

O último momento da rotina ocorre entre as 16h15 e as 19h00 e é destinado à brincadeira espontânea. É também nesta parte da rotina que cada criança de acordo com os horários e vontade dos pais, vai para casa. Esta é uma parte da rotina em que “(...) as despedidas agradáveis e simpáticas dos educadores permitem que as crianças se voltem a reunir com os pais livres de preocupações sobre o sentido de pertença ao centro infantil; eles ficam aliviados por verem os pais, mas, ao mesmo tempo, sabem que os adultos de quem se estão a despedir se preocupam realmente com eles” (Post & Hohmann, 2011, p.210).

Esta rotina, de acordo com a educadora, foi organizada com base nas observações feitas do grupo de crianças, visando respeitar e valorizar o ritmo de cada uma, como tal foi criada uma rotina previsível, mas também flexível.

## **f) Organização dos Espaços e Materiais**

De acordo com Hanscom (2018) “Os corpos e as mentes das crianças dependem desta brincadeira livre e ativa para prosperarem.” (p. 83), como tal é importante dar às crianças este tempo de escolha livre e brincadeira ativa quer seja entre pares ou sozinhas. Assim sendo, na rotina, as crianças nesta sala encontram vários momentos de brincadeira livre, em que podem livremente explorar os vários espaços que a sala dispõe.

A sala é composta pela área da leitura, a área das construções, a área das artes, a área do faz de conta, a área dos jogos e por uma nova área que foi criada enquanto me encontrava no estágio, a área dos materiais não estruturados. Esta área foi criada porque a educadora considerou que o grupo de crianças da sala amarela estava numa fase em que tinham muitos conflitos diariamente e ponderou se teria a ver com a organização da sala e dos materiais, partindo desta análise decidiu criar esta nova área com o objetivo das crianças terem novos materiais para explorar e possibilitando uma maior divisão do grupo para que não estejam todos na mesma área.

Todos os materiais na sala se encontram ao alcance das crianças, exceto os materiais da área das artes que de acordo com a educadora a os materiais não estão ao alcance das crianças porque estas ainda não conseguem gerir entre elas os materiais acabando por levar à criação de vários conflitos. A educadora pretende gradualmente que as crianças vão tendo este material ao seu alcance, começando por exemplo pelos lápis de cor ou pelos lápis de cera.

## **g) Espaço Exterior**

Para além dos espaços acima referidos, existe ainda um espaço exterior. É composto por relva sintética, nele encontramos vários materiais estruturados para as crianças brincarem, um escorrega, um túnel em forma de lagarta, várias peças para construções, duas bolas, um pequeno baloiço onde podem andar duas crianças, uma bola grande onde se podem sentar e saltar e algumas peças de encaixe de grandes dimensões. Considera-se importante a valorização deste espaço visto que “A zona exterior de recreio é um prolongamento do ambiente anterior de exploração e de brincadeira. Lá fora os bebés ouvem, cheiram, sentem e veem árvores, nuvens vento, temperaturas quentes ou frias e alterações de luminosidade.” (Post & Hohmann , 2011, p. 161). É importante salientar que todos estes materiais são de plástico e que este espaço é utilizado pelas duas salas de creche.



*Figura 1 – Espaço exterior*



*Figura 2 – Escorrega presente no espaço exterior*

#### **h) Concepções da Educadora A sobre o uso dos espaços exteriores e de materiais naturais em educação de infância**

Partindo da entrevista realizada às educadoras, que se encontra no apêndice 2, podemos compreender que a Educadora A compreende e valoriza a importância do espaço exterior e dos materiais naturais, apesar de

na sua instituição não ter grande facilidade de acesso aos mesmos e de ter alguns receios face à saída da instituição com o grupo.

Afirma que “É muito importante (...) a natureza faz parte deles, faz parte de nós.” e partindo deste princípio arranja formas de proporcionar às crianças este contacto com a natureza. Uma das formas de contacto pela usadas pela educadora é trazer os materiais naturais para dentro da sala, tal como podemos perceber no excerto: “O exterior é todo sintético, portanto não há parte natural. Então tentamos sempre trazer o que há de bom na natureza para lhes mostrar.”. A Educadora opta não só por recolher e trazer os materiais, como também pede às famílias que recolham com as crianças e tragam para a escola, “Eu até pedi este ano sempre que fossem nos passeios em família trouxessem os materiais naturais (...) o S. trouxe bolotas”.

A principal dificuldade apresentada pela Educadora A é o receio de ir com as crianças para fora do recinto escolar somente com a sua auxiliar. No dia da entrevista deu-se a primeira saída para o espaço verde localizado em frente ao recinto escolar, ao qual a educadora deu um feedback bastante positivo, afirmou que “Hoje foi a primeira experiência quero fazer mais vezes para que eles também seja algo normal.”, completa ainda dizendo que as famílias se mostraram muito felizes com esta saída.

## **2. Instituição B – Jardim-de-Infância**

Este Jardim de Infância é uma instituição de rede pública que pertence a um agrupamento de escolas de Setúbal, é de fácil acesso, tendo estacionamento e transportes públicos por perto.

O jardim de infância inicia o seu funcionamento às 8h00 e encerra às 18h30.

### **a) Projeto Educativo e Pedagógico de Sala**

O projeto educativo do agrupamento aqui em análise tinha vigência de 2019 a 2023. A construção deste projeto educativo tem por base o enquadramento legal vigente, nomeadamente o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória, a Autonomia e Flexibilidade Curricular, a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania e a Educação para a Inclusão (decreto-lei nº 54/2018). Neste projeto educativo podemos encontrar “a caracterização sumária do agrupamento, a explicitação da visão, missão e valores, eixos de ação e sua operacionalização, divulgação, monitorização e avaliação.” (Projeto Educativo da Instituição B, p.4).

Relativamente ao projeto pedagógico de sala de JI na qual desenvolvi o estágio, para os anos 2020 e 2021, é feito um enfoque inicialmente na descrição do contexto e do grupo, sendo posteriormente definidos os objetivos a alcançar com o grupo de crianças desta sala de jardim de infância.

### **b) Infraestruturas e Espaço Físico**

O edifício do Jardim de Infância é composto por dois pisos. No piso térreo encontra-se a sala da componente socioeducativa, a sala 3, o ginásio, uma casa de banho para as crianças, a despensa, o gabinete do pessoal e o refeitório com a despensa dos cacifos e a uma casa de banho das assistentes. No primeiro piso existem duas salas, a sala 1 e a sala 2, a casa de banho para os adultos e outra para as crianças.

### **c) Equipas Educativa e Pedagógica**

Relativamente aos recursos humanos esta instituição conta com 14 colaboradores, estes dividem-se por Corpo Docente, Corpo Não Docente, Cozinha, Serviços Gerais e Serviços Administrativos.

A equipa pedagógica da sala que acompanhei no meu estágio era composta por uma educadora, uma assistente operacional e uma assistente técnica. Abrangendo ainda as equipas multidisciplinares, algumas crianças eram acompanhadas por uma Docente de Educação especial.

#### **d) Grupo de Crianças**

O grupo era constituído por 20 crianças cujas idades que se encontravam entre os 4 e os 6 anos de idade, sendo que 11 eram raparigas e 9 eram rapazes. Uma das crianças ingressou na sala 15 dias após as restantes, tendo algumas características de saúde que implicam alguns cuidados extra, nomeadamente uma Hidrocefalia. Outra criança, o L. possui RTP, de acordo com o decreto Lei nº 54/2018 de 6 de julho, beneficiando de medidas seletivas. Também as crianças Y., J. e D. encontram-se a frequentar sessões de Terapia da Fala a título particular, pelo que têm igualmente beneficiado das medidas universais de suporte à aprendizagem por parte da educadora. Desde o primeiro dia de estágio que pude observar que, sendo uma sala heterogénea, as crianças tinham uma grande interação entre elas e era estabelecida uma cooperação entre as diversas faixas etárias, era notório que as crianças mais novas gostavam de brincar com as mais velhas, gostavam dos desafios que as suas brincadeiras proporcionavam, tal como Silva, Marques, Mata e Rosa afirmam (2016) “A existência de grupos com crianças de diferentes idades acentua a diversidade e enriquece as interações

no grupo, proporcionando múltiplas ocasiões de aprendizagem entre crianças” (p. 24).

É um grupo que realiza as coisas de forma autónoma e que já prevê os momentos que se seguem na rotina da sala e da instituição.

### **e) Organização Temporal da Vida na Sala**

A rotina da instituição e da sala inicia às 8h00 quando é feito o acolhimento das crianças pela Assistente Operacional, pelas 9h00 é feito o acolhimento em grande grupo, no qual a Educadora conversa com as crianças, marcam as presenças e preenchem o mapa do tempo, às 9h30 é a hora do conto, neste momento é todos os dias contada ou lida uma história diferente, a Educadora por vezes lê um livro, outras vezes projeta uma história ou recorre ao uso de fantoches, sombras chinesas e imagens magnéticas. Às 10h15 as crianças lancham e de seguida as crianças brincam autonomamente pelas áreas ou fazem atividades propostas pela Educadora. A partir das 11h30 existe também a possibilidade de irem brincar para o exterior até as 13h00, sendo que de seguida realizam a sua higiene e vão almoçar. Da parte da tarde, a seguir ao almoço, as crianças voltam para a brincadeira autónoma nas áreas, no espaço exterior ou por vezes continuam atividades que foram anteriormente propostas até as 15h30, a esta hora as crianças que não têm Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF) vão para casa, as que têm lancham e voltam para a brincadeira autónoma até que os pais as vão buscar, às 18h00 o Jardim de Infância encerra. Considero que a rotina “proporciona às crianças a segurança de sequências predizíveis de acontecimentos, transições suaves de um período de atividades para o seguinte e consistência nas expectativas e apoio dos adultos ao longo do dia.” (Hohmann & Weikart, 1997, p. 226), como tal é importante estar bem definida para que as crianças consigam prever o que vem a seguir e sentirem-

se seguras.

#### **f) Organização dos Espaços e Materiais**

A organização do espaço e da sala é feita pela Educadora, sendo que a organização tem por base as necessidades e interesses do grupo, os materiais e equipamentos existentes e as potencialidades de cada espaço. A Educadora refere no Projeto pedagógico de sala que o

conhecimento do espaço e das suas possibilidades é uma condição do desenvolvimento da independência e da autonomia das crianças e do grupo, isto implica que as crianças compreendam como está organizada e como pode ser utilizada, participando nessa organização e nas decisões sobre as mudanças a realizar. A apropriação do espaço dá-lhes a possibilidade de fazerem escolhas, de utilizarem os materiais de diferentes maneiras, por vezes imprevistas e criativas, e de forma cada vez mais complexa (p.16).

A escolha dos materiais, tal como a escolha das áreas, tem alguns critérios, como a qualidade, a variedade, a funcionalidade, a versatilidade, a durabilidade e a segurança dos materiais. É importante referir que a Educadora recorre bastante ao uso de materiais reciclados, como caixas de vários tamanhos, embalagens, rolos de papel, caixas de ovos, entre outros. A Educadora utiliza também muitos materiais naturais, como pedras, folhas, flores, sementes e paus e pretende com estes materiais, bem como com os materiais reciclados, incentivar à criatividade, contribuindo ainda para a consciência ecológica, tentando colaborar com os pais/famílias e com a comunidade. A sala é composta por sete áreas: a área da cozinha e casinha das bonecas, a área da biblioteca, a área da garagem, a área dos jogos e das construções, a área das artes visuais, a área da leitura, escrita e da matemática e por último a área da ciência.

### **g) Espaço Exterior**

Para além dos espaços já referidos, o jardim de Infância beneficia também de um espaço exterior, onde as crianças encontram alguns brinquedos, duas mesas de madeira, uma casinha de madeira, pneus, areia e algumas árvores. É um espaço no qual as crianças demonstram imensa felicidade em estar pelas brincadeiras e explorações que o mesmo lhes proporciona.



*Figura 3 – Jogo realizado no exterior*



*Figura 4 – Casinha de madeira*



*Figura 5 – Árvores no espaço exterior*

### **h) Conceções da Educadora B sobre o uso dos espaços exteriores e de materiais naturais em educação de infância**

Partindo da entrevista realizada a ambas as educadora cooperantes podemos concluir que a Educadora B compreende a importância do brincar ao ar livre e do uso de materiais naturais para o desenvolvimento das crianças, defendendo que para as crianças este permite as mais diversas aquisições porque “lhes permite ter explorações completamente autónomas, permite existir bastante partilha entre eles (...) é também onde se dão melhor as maiores conexões com o com a natureza com aquilo que os envolve que e o mundo real e não só as quatro paredes”.

Tendo um espaço exterior na instituição que permite contacto direto com a natureza afirma que “Eles têm de ter momentos de exterior sem dúvida, e quanto mais tempos de exterior têm melhor estão depois a trabalhar dentro da sala e mais aprendem.”. Para além deste espaço exterior a educadora também optava muitas vezes em fazer saídas com o grupo para fora da escola, procurando áreas verdes e repletas de natureza.

Uma das grandes dificuldades apresentadas pela Educadora B são os problemas colocados pela família das crianças em levar as crianças ao espaço exterior em determinadas alturas do ano, como podemos compreender pela citação “está muito frio, muito vento, a chover. Temos um clima de 8°C, 9°C, 10°C, em pleno inverno e mesmo assim os pais não querem que as crianças apanhem frio.”. Fala ainda na importância do espaço exterior, reforçando que nem todas as instituições têm espaços exteriores amplos ou com presença de materiais naturais, o que pode muitas vezes ser um impedimento ou dificuldade acrescida para os educadores. Uma última dificuldade apresentada, mas não menos importante, é relativa aos perigos encontrados nos espaços exteriores, realçando que “nós aqui no Alentejo temos os lacraus que são (...) extremamente perigosos (...) as próprias aranhas podem morder, as abelhas. (...) e há algumas crianças que sofrem de alergias e temos de ter algum cuidado.”.

**Capítulo IV –**  
**Descrição e Interpretação**  
**das Intervenções**

Neste capítulo, irei apresentar as minhas intervenções nos diferentes contextos de estágio, refletindo sobre cada intervenção. Irei apresentar duas intervenções realizadas em contexto de creche e duas em contexto de jardim-de-infância. De modo a compreender as intervenções realizadas, considero pertinente lembrar que a questão de investigação sobre a qual esta investigação assenta é: “Como promover a exploração do espaço exterior e dos materiais naturais em educação de infância?”.

No primeiro estágio, que decorreu no contexto de creche, verifiquei desde o início que o contacto com o espaço exterior e com a natureza era bastante reduzido, sendo que, em conversa informal com a educadora cooperante consegui compreender que o espaço exterior da instituição dificultava a interação com a natureza, por ser repleto de matérias plásticas e sintéticas, como tal a educadora optava várias vezes por apanhar materiais naturais no fim-de-semana, por exemplo, e leva-los posteriormente para dentro da sala para que as crianças os pudessem explorar de forma livre ou orientada.

Em relação ao jardim-de-infância, no espaço exterior da instituição era possível contactar diretamente com a natureza e com vários materiais naturais, sendo que este espaço era utilizado pelas crianças diariamente e em diversos momentos do dia. A Educadora Cooperante demonstrou também desde início que valorizava bastante este contacto com a natureza, o que facilitou as intervenções e o uso do espaço existente.

## **1. Intervenções no contexto de Creche**

### **1.1. Caixa da Natureza – Os Vegetais**

A primeira intervenção em contexto de Creche ocorreu no dia 12 de Janeiro de 2020, durante o período da manhã, no momento que se destina às atividades orientadas ou à brincadeira livre. A atividade da Caixa da Natureza foi planificada, sendo que apresentei com antecedência à educadora cooperante a ideia, para que tivesse conhecimento e me pudesse ajudar caso necessário. Durante a atividade os recursos humanos foram eu própria como estagiária, a educadora a auxiliar. Nesta atividade, participaram 13 crianças, 7 meninas e 6 meninos. A atividade foi iniciada em grande grupo, no tapete da sala, onde lhes mostrei a “Caixa da Natureza” questionando o que poderia estar lá dentro. Imediatamente obtive várias respostas das crianças, que se mostraram curiosas.

*“Após realizar a pergunta do que podia estar dentro da caixa obtive várias sugestões como: o “ão” (cão), o “bicho”, a “fola” (folha). Quando abri a caixa ficaram todos em silêncio e muito espantados com o que dentro se encontrava.”*

**Nota de campo, 12 de Janeiro de 2021**

As crianças por iniciativa própria tiraram os vários vegetais da caixa e começaram a explorá-los de forma livre. Conforme dizíamos o nome dos vários vegetais as crianças tocavam entre elas, explorando as diversas texturas e formas de vegetais que se encontravam disponíveis.



*Figura 6 – Caixa da Natureza*



*Figura 7 – O A. a explorar as cenouras que retirou da caixa.*

De seguida, com o auxílio da educadora, começamos a abrir os vegetais, deixando que as crianças observassem enquanto o fazíamos. Mexeram nos vegetais abertos, cheiraram e algumas crianças até degustaram os vegetais.

*“O A. (30 meses) quando viu o pimento aberto olhou muito espantado e disse: “Olha tem bolinas (bolinhas)” ao apontar para as sementes no interior do pimento.”*

*“A A.F. (28 meses) levou a cebola à boca e fez uma cara de desagrado, de seguida riu-se e voltou a pousar a cebola na mesa”*

### **Notas de Campo, 12 de Janeiro de 2021**



*Figura 8 – A A.F. a prova a cebola f*



*Figura 9 – A A.F. faz careta de desagrado*



*Figura 10 – Corte, em conjunto, dos vegetais*



*Figura 11 – Vegetais cortados e disponíveis para exploração*

Quando sentimos que todo o grupo já tinha explorado os vegetais depois de abertos, organizamos as crianças em dois grupos que se distribuíram pelas duas mesas da sala. Disponibilizamos tintas de quatro cores diferentes em pratos e folhas, as crianças por elas próprias começaram a usar os vegetais para pintar, criando assim os carimbos pretendidos.



*Figura 12 – O S. pinta com uma*



*Figura 13 – Carimbos realizados com os vegetais*



*Figura 14 – O A. e o D. carimbam na sua folha com os vegetais*

Durante a atividade, a maior dificuldade que tive foi registrar os diferentes momentos das crianças durante a exploração, sendo que considero estes registos são fundamentais para compreender e rever a atividade mais tarde.

Considero que, sendo a primeira atividade realizada em contexto de Creche, correu bastante bem. Não me senti nervosa porque de um modo geral, todas as crianças estiveram interessadas na atividade e demonstraram curiosidade na exploração dos legumes e na realização dos carimbos. Um exploraram mais que outras, mas ainda assim não sinto que nenhuma criança tenha ficado de fora ou não tenha demonstrado interesse na atividade. Com a mesma foi possível que as crianças reconhecessem diferentes vegetais e as suas características, explorassem os vários sentidos, a visão, o tato, o olfato e algumas até mesmo o paladar, agrupar os vegetais por características, descobrindo e referindo propriedades e reconhecer as diferentes cores e nomes.

Algo que achei muito interessante foi que várias crianças, ao realizarem os carimbos, associavam a cor do carimbo à cor da fruta, por exemplo para carimbar a cenoura optavam pelo laranja, para o pepino optavam pelo vermelho, para os brócolos o verde e para a batata e a cebola o amarelo.

Com a realização desta intervenção, foi possível promover a exploração de materiais naturais, neste caso alguns vegetais, que as crianças já conheciam por estarem presentes na sua alimentação diária, tanto no almoço como no jantar.

Em conversa com a educadora conclui que seria interessante dar continuidade a esta exploração da “Caixa da Natureza”, trazendo vários materiais naturais diferentes, para que as crianças pudessem explorar. Desta ideia surge então a segunda intervenção realizada em contexto de Creche.

## **1.2. Caixa da Natureza – As Folhas**

A segunda intervenção ocorreu no dia 20 de Janeiro de 2021, durante o período da manhã, no momento que se destina às atividades orientadas ou à brincadeira livre. Esta segunda intervenção foi também planeada e apresentada à educadora com antecedência de forma a garantir que tudo corresse da melhor maneira possível. Nesta semana estava sozinha com a educadora cooperante, visto que a assistente da sala ficou em isolamento devido ao COVID19, como tal os recursos humanos que participaram nesta atividade foram eu própria (estagiária) e a educadora cooperante. Nesta atividade participaram 8 crianças, 3 meninas e 5 meninos.

Desta vez, tal como na primeira, as crianças sentaram-se no tapete. Voltei a mostrar a caixa e repeti a pergunta: “o que será que se encontra dentro da nossa caixa?”.

*“Desta vez, influenciadas pela exploração realizada com a caixa anteriormente as crianças responderam “comida.”*

**Nota de campo, 20 de Janeiro de 2021**

Abrimos a caixa e as crianças depararam-se com várias folhas de tamanhos e formatos diferentes.

*“Oh olha! É da árvore do jardim” disse a M. (32 meses)”*

**Nota de Campo, 20 de Janeiro de 2021**



*Figura 15 – o que esta na caixa da natureza?*



*Figura 16 – As folhas*

Espalhamos as folhas todas no tapete da sala e as crianças começaram a explorar as texturas e cheiros, brincavam com as folhas e mostravam-nas uns aos outros com um ar de felicidade. Quando senti que as crianças se encontravam satisfeitas com a exploração livre realizada pedi que se sentassem nas mesas da sala. O objetivo da atividade era que as crianças realizassem uma colagem de forma livre, podendo escolher como queriam colar, quantas e quais as folhas que queriam colar. Todas as crianças demonstraram muito interesse na atividade, algumas colavam e descolavam as folhas, outras colavam as folhas e colocavam cola branca no verso da folha. Houve apenas uma criança que não demonstrou muito interesse na colagem, sendo que “pintou” a folha com a cola branca, mas decidiu que não queria colar nenhuma folha em cima, a criança ao ver que a cor da cola era branca e que era usado um pincel para colocar a cola na folha é provável que a criança inicialmente tenha achado que a cola era tinta.

*“Então J. (27 meses) não estás a colar?” ao qual a criança respondeu “não, to a pinta!”*

*“Considero que a criança depois ao observar as explorações dos pares compreendeu que o objetivo era colar as folhas, no entanto, acabou por perder o interesse e ir brincar.”*

### **Notas de campo, 20 de Janeiro**



*Figura 17 – A A. coloca cola na folha*



*Figura 18 – O J. coloca cola na folha*

No decorrer da atividade fui auxiliando as várias crianças, sempre que me pareceu pertinente e necessário. Conforme passava pelas crianças conversava com elas sobre as suas folhas, nomeadamente o tamanho, a cor, a textura e o cheiro.

*“Uau M. (25 meses) que folha grande que escolheste para colar e que bonita”  
ao que a criança respondeu abanando a cabeça afirmativamente e sorrindo.”*

### **Nota de campo, 20 de Janeiro de 2021**

No final da exploração deixamos as folhas a secar e de tarde

penduramos na sala para que as crianças pudessem ver as suas folhas.

Inicialmente tinha idealizado a realização desta exploração no espaço exterior, mas como no dia estava a chover teve de ser realizada em contexto de sala. Apesar de sentir que a intervenção correu bem e de acordo com o planeado, senti mais dificuldades do que na primeira intervenção. Uma das dificuldades que senti foi devida ao facto de que no dia em que realizei a atividade a assistente de sala ficou em isolamento e éramos apenas eu e a Educadora na sala e por vezes ao longo das atividades a Educadora tinha que se ausentar e estando sozinha senti que nem sempre foi fácil gerir o grupo. Para além disso considero que a atividade da colagem das folhas deveria ter experimentada previamente por mim, isto que se demonstrou em sala colar as folhas com a cola branca, visto que se demonstrou em sala não ser uma tarefa tão fácil como eu tinha idealizado, algumas crianças inicialmente não compreenderam que a cola era cola, achando que era tinta, devido à sua cor branca, o que levou a que tentassem “pintar” as folhas ao invés de as colarem, mas de modo geral rapidamente perceberam que era para colar na folha e não pintar.

*“O único caso, tal como já referi acima, que não demonstrou particular interesse pela colagem das folhas foi a J.(27 meses), mas isso não fez com que corresse menos bem, é normal que nem todas as crianças tenham interesse em todas as atividades propostas, mas é importante que o educador respeite o interesse das crianças em explorarem à sua maneira, a criança acabou por realizar a exploração à mesma, apenas de uma forma diferente da que eu tinha inicialmente imaginado.”*

**Reflexão Cooperada da Oitava Semana de Estágio, 18 a 20 de  
Janeiro de 2021**

## 2. Intervenções no contexto de Jardim-de-Infância

### 2.1. Herbário

A primeira intervenção em contexto de Jardim-de-Infância ocorreu no dia 25 de Maio de 2021, na parte da manhã. Durante a atividade os recursos humanos foram a educadora, a auxiliar e eu própria como estagiária. Nesta atividade, participaram 20 crianças, 11 meninas e 9 meninos. A intervenção partiu de um passeio realizado a um parque fora da escola no qual a crianças brincavam várias vezes.

Ao chegar ao parque as crianças sentaram-se em grande grupo na relva e li o livro “Criaturas Estranhas” de Cristina Rubio, que fala sobre os animais, a natureza e a importância de a preservar, pois é o lar dos animais. Após a leitura e um momento de relaxamento deitados na relva, as crianças foram desafiadas a procurar e apanhar do chão as várias folhas de árvore que encontrassem.



Figura 19 – Livro “Estranhas Criaturas”



Figura 20 – Momento de leitura



Figura 21 – Recolha de folhas de árvores

Ao chegarmos à escola, sentámo-nos em grande grupo e decidimos explorar as folhas encontradas, concluindo que tínhamos apanhado 5 tipos de folhas diferentes.

*“E agora? Como sabemos qual é de qual árvore?” perguntou a C. (5 anos). “Querem descobrir?” perguntei de forma curiosa. Todos abanaram afirmativamente com a cabeça.”*

### **Nota de campo, 25 de Maio de 2021**

Combinamos explorar mais sobre as nossas folhas no dia seguinte.

Demos então continuidade à exploração das folhas na parte da tarde do dia seguinte, dia 26 de Maio de 2021. Expliquei às crianças que iríamos realizar um herbário, perguntando de seguida se alguma delas sabia o que isso era. A maioria das crianças afirmou que não sabia, no entanto, obtive ainda algumas respostas com palpites.

*“é algo que nos dá informações sobre as folhas” disse a M.(5 anos) a D. (5anos) acrescentou “oh é algo da natureza”.*

### **Nota de campo, 26 de Maio de 2021**

Passei então a explicar às crianças que um herbário é uma coleção de plantas normalmente prensadas e secas, dispostas segundo determinada ordem e disponíveis para a realização de um estudo sobre cada uma. De seguida mostrei às crianças as plantas que tínhamos recolhido, tínhamos folhas de nespereira, folhas de oliveira, folhas de amoreira, folhas de ameixeira e folhas romãzeira. O grande grupo foi dividido em 5 pequenos grupos e cada pequeno grupo escolheu que folha queria explorar. Enquanto

o grande grupo brincava no exterior com a supervisão da educadora cooperante eu ficava na sala com um pequeno grupo de cada vez. Começaram por explorar as folhas da sua árvore escolhida, pedi às crianças que analisassem se as folhas eram rugosas ou macias e se eram pequenas ou grandes. Após a realização desta pequena análise passei a explicar que cada árvore tinha o seu nome, também o seu nome científico, que todas pertencem a uma família e todas têm uma origem, analisamos ainda o que cada uma delas produzia. Ao apresentar às crianças o nome científico da árvore ou o nome de família o objetivo não era que as crianças aprendessem esses nomes, mas sim que compreendessem que eles existem e que são diferentes consoante a árvore que estamos a analisar. As crianças demonstraram interesse nestas características quando pediram para ser elas a escrever os nomes na folha, apesar da complexidade dos mesmos, faziam perguntas conforme pesquisávamos em conjunto e perguntavam se podiam chamar os colegas para verem. Após ter sido feita a pesquisa relacionada com cada árvore pedi que as crianças em conjunto desenhassem a árvore à qual pertence a folha que o grupo escolheu e ainda o fruto que esta árvore produz.



Figura 22 – A C. escreve o nome da árvore

C. (6 anos) “Olha posso ser eu a escrever? É que eu já sei fazer isso”, rapidamente respondeu a D. (5anos) “Eu também quero.”

**Nota de campo, 26 de Maio de 2021**

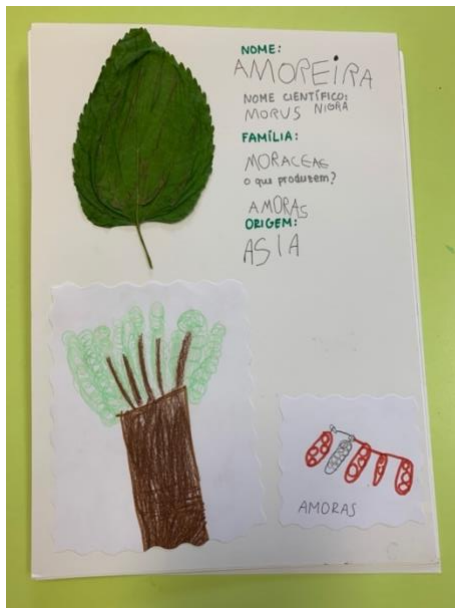


Figura 23 – Herbário da Amoreira

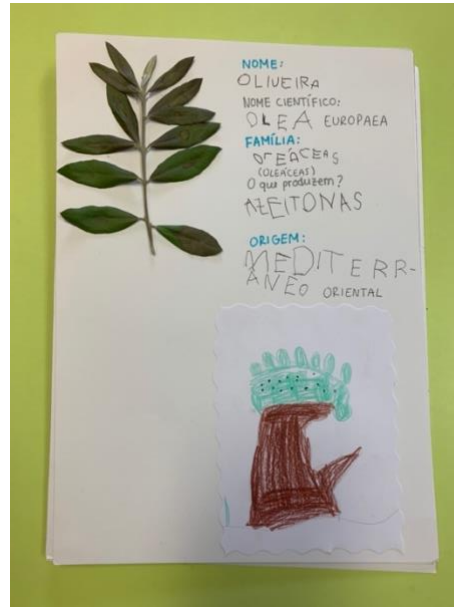


Figura 24 – Herbário da Oliveira

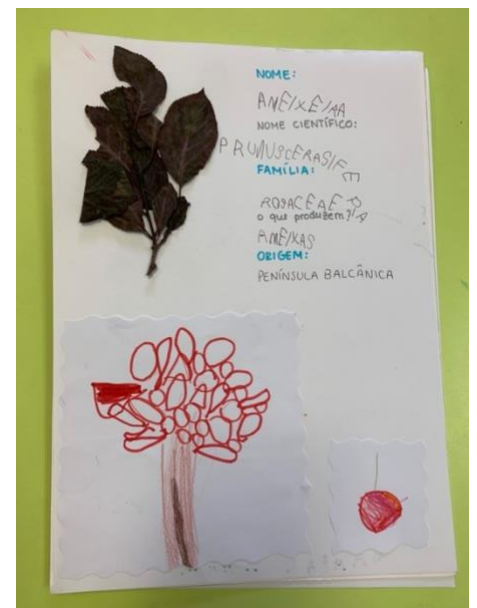


Figura 25 – Herbário da Ameixeira

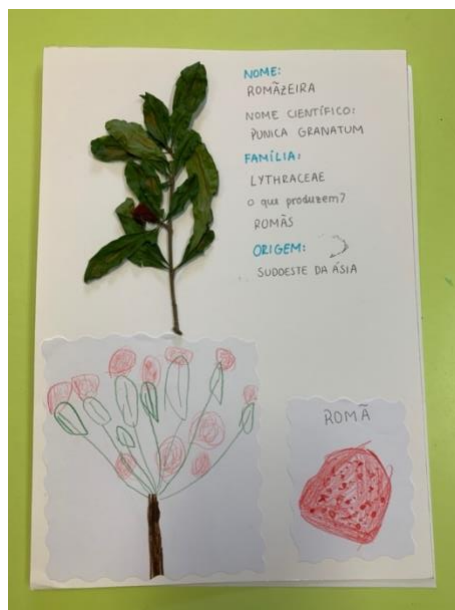


Figura 26 – Herbário da Romãzeira

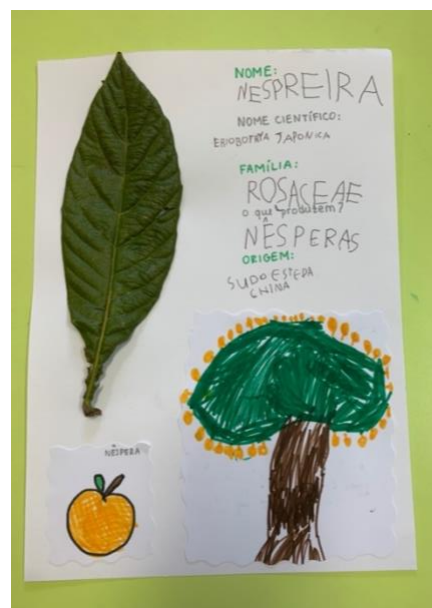


Figura 27 – Herbário da Nespereira

Inicialmente tinha pensado em selecionar e apanhar eu as folhas para a realização da atividade, no entanto, após conversar com a Educadora Cooperante, sendo possível realizar uma ida ao exterior com as crianças,

considerarei que seria mais interessante para as mesmas serem elas a realizar esta recolha das folhas de árvores. É importante compreender que para as crianças “O contacto com seres vivos e outros elementos da natureza e a sua observação são normalmente experiências muito estimulantes para as crianças, proporcionando oportunidades para refletir, compreender e conhecer as suas características” (OCEPE, 2016, p.90), como tal, considerarei que as crianças estariam muito mais envolvidas e interessadas na atividade se as crianças soubessem que as árvores sobre as quais estavam a pesquisar se encontravam em locais que lhes eram conhecidos. Foi muito interessante observar o envolvimento e interesse das crianças, estando constantemente a fazer perguntas. Algumas crianças perguntaram inclusive, no final, se poderiam levar o herbário para casa. Tal como Reis afirma “As crianças são ‘cientistas ativos’ que procuram, constantemente, satisfazer a sua insaciável curiosidade sobre o mundo que as rodeia” (2008, p.16), como tal, consegui compreender que cabe ao educador proporcionar momentos em que as crianças possam satisfazer as suas curiosidades, com auxílio do adulto, caso necessário. Considero que a realização destas atividades foi muito enriquecedora para mim, como futura educadora. Ajudou-me a compreender como introduzir as áreas de matemática e ciências naturais numa sala de jardim-de-infância, a única dificuldade que senti foi realmente a falta de apoio, o que me deixou um pouco nervosa inicialmente e com dúvidas em relação à planificação geral. Felizmente acabei por ter um feedback muito positivo por parte das crianças, isto fez com que conforme realizava a atividade com as mesmas fosse ficando mais calma e confiante.

## 2.2. Proteger as Árvores

Esta segunda intervenção surgiu de forma espontânea, no dia 27 de Maio de 2021, devido a uma pergunta realizada no momento de grande grupo, enquanto se falava do livro que tínhamos lido “Estranhas Criaturas”.

*B.(6 anos): “Já sabemos que não podemos cortar árvores, não podemos fazer mais o quê?”*

*J.(5 anos): “Oh também não podemos deitar lixo para o chão, já todos sabem.”*

### **Nota de campo, 27 de Maio de 2021**

Conforme esta conversa se desenvolvia em grande grupo, uma criança sugeriu que devíamos dizer aos outros também que devem cuidar das árvores. Sugeri que fizéssemos um cartaz para expor na escola, ao qual as crianças responderam com entusiasmo que sim. Arranjamos uma cartolina e em grande grupo aponteí todas as sugestões que as crianças deram para proteger a natureza.

*“Falar aos outros que a natureza é importante” D. (5 anos)*

*“Quando for outono podemos pedir às cozedeiros para fazerem tipo um tapete para por à volta da árvore e proteger do frio” C. (6 anos)*

*“Limpar e regar sempre” C. (5 anos)*

*“Plantar novas árvores.” M.C. (6 anos)*

*“Não pisar nas árvores e plantas pequenas” C. (5 anos)*

*“Gastar poucas folhas a desenhar” C. (6 anos)*

*“Avisar os amigos para não deitar lixo no chão.” (J. (5 anos)*

*“Reciclar.” M. (4 anos)*

*“Não deitar lixo no chão” D. (5 anos)*

### **Placar feito em sala, 27 de Maio de 2021**

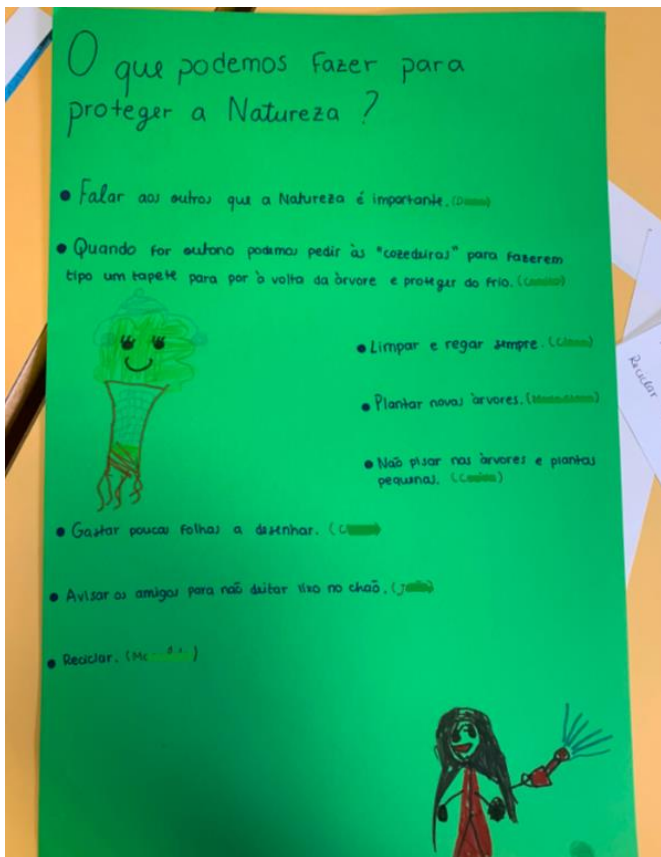


Figura 28 – Cartaz com as frases das crianças



Figura 29 – A C. a decorar o cartaz

No fim as crianças pediram para decorar e desenhar no cartaz. Quando acabamos foi pendurado no corredor para as famílias e colegas puderem ler.

# **Capítulo V – Considerações Globais**

Este capítulo final apresenta um balanço geral de todo o processo vivido ao longo da realização do projeto e mestrado. Apresenta uma análise, principalmente reflexiva, sobre os contextos de estágio frequentados, sobre as dificuldades sentidas ao longo de todo o percurso e, para finalizar, alguns aspetos importantes para a construção da minha identidade profissional.

Quando iniciei o meu primeiro estágio no contexto de creche sentia-me bastante perdida em relação a que temática escolher, sabia que tinha que escolher um tema que fosse transversal aos dois contextos de estágio, mas que acima de tudo fizesse sentido para mim, algo que considerasse verdadeiramente significativo, especialmente na atualidade em que vivemos. No meu estágio em creche, recordo-me de ter observado bastante, sentindo inicialmente algum receio de intervir e de alguma forma passar por cima da educadora de sala, mas rapidamente ela me alertou e acalmou, incentivando-me a intervir sempre que fosse oportuno e necessário. Passando da observação para a intervenção e participação das brincadeiras junto das crianças pude observar a forma e importância dada ao brincar, especialmente quando iam ao espaço exterior. Apesar deste espaço exterior ser pequeno e sem a presença de materiais naturais pude observar que as crianças gostavam de lá estar, de forma a descomprimir e sair da rotina, daí surgiu-me o tema da importância de brincar no exterior e do uso de materiais naturais. A educadora levava regularmente materiais naturais para a sala, devido à falta dos mesmos no espaço exterior, e era algo pelos quais as crianças demonstravam muito interesse.

No segundo estágio, em contexto de jardim-de-infância, deparei-me com uma realidade completamente diferente, existia um espaço exterior na instituição que permitia contacto direto com a natureza e para além disso o grupo saía muitas vezes para fora do recinto escolar para visitar parques e campos para brincar. O espaço exterior e a natureza faziam parte da rotina das crianças, o que sinto que facilitou bastante as minhas intervenções .

Abordando as intervenções realizadas, em ambos os contextos apresentei intervenções previamente planeadas e as mesmas foram partilhadas com as educadoras cooperantes de forma a obter as suas opiniões e sugestões. Apenas a intervenção espontânea, em contexto de jardim-de-infância não teve qualquer planificação previa, surgindo de uma conversa em grande grupo com as crianças.

Ao longo da construção deste relatório surgiram-me algumas dificuldades, nomeadamente a construção do enquadramento teórico. Talvez por ter sido o ponto de partida senti-me um pouco perdida, tive alguma dificuldade em encontrar bibliografia específica para alguns dos conceitos escolhidos, bem como dificuldade em articular os autores entre si, ou seja, relacionar as suas diferentes perspetivas em relação a um só tema.

Para responder à questão de investigação-ação “Como promover a exploração do espaço exterior e dos materiais naturais em educação de infância?”. Foi fundamental a observação realizada durante os contextos, bem como as notas de campo, registos de multimédia e respostas dadas nas entrevistas pelas educadoras cooperantes. Para dar resposta a esta pergunta é fulcral destacar o papel do educador de infância enquanto gestor do currículo. Para que o educador de infância possa organizar de forma adequada o espaço exterior, bem como o tempo dedicado a este espaço, é importante que o educador conheça tanto o seu grupo, como cada indivíduo que o constitui, de forma a compreender e dar resposta às suas necessidades. Para isto, o educador de infância deve reconhecer e compreender a importância do espaço exterior e dos materiais naturais, deve compreender que o espaço exterior é tão importante quanto a sala de atividades. Deve no espaço exterior assumir um papel de *observador atento*, de *organizador do espaço* e de *promotor de desafios* (Bento, 2020), pois ao assumir estes três papéis o educador tem a possibilidade de proporcionar as mais diversas

aprendizagens, disponibilizando às crianças o apoio necessário para a aquisição das mesmas, seja como observador ou como participante.

Durante o meu percurso nos dois contextos de estágio sinto que cresci bastante, tanto a nível pessoal como profissional. Considero que ao ter estagiado em duas realidades bastante distintas, tive a oportunidade de em cada contexto aprender bastante com as educadora cooperantes, bem como com o resto da equipa e com as crianças. Nestes contextos foram-me transmitidos conhecimentos que irei sem dúvida levar comigo no meu percurso profissional.

Ao culminar as minhas aprendizagens ao longo deste desafiador percurso, compreendi a importância de ter uma atitude reflexiva e crítica sobre a prática educativa de forma a estar em constante crescimento e evolução. Compreendo que ao terminar este passo tão importante no meu percurso o meu percurso não acaba aqui, como educadora de infância o meu percurso e aprendizagens nunca terão um “fim”, serão constantemente atualizados e enriquecidos com as pessoas que terei oportunidade de me cruzar, bem como com os grupos de crianças que irei acompanhar. Serei eternamente agradecida a todas as pessoas que me acompanharam e contribuíram para a construção da minha identidade profissional.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aires, L. (2011). *Paradigma qualitativo e práticas de investigação educacional*. Universidade Aberta.
- Alves, M. G., & Azevedo, N. R. (2010). *Investigar em educação: Desafios da construção de conhecimento e da formação de investigadores num campo multi-referenciado*.
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação*. Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Bento, G. (2020). *Grelha de Observação de Espaços Exteriores em Educação de Infância: GO-Exterior*. UA Editora. Universidade de Aveiro.
- Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao ar livre: oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de portas*. Porto Editora.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação qualitativa em Educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora.
- Carmo, H., & Ferreira, M. (2008). *Metodologia da Investigação - Guia para a autoaprendizagem*. Universidade Aberta.
- Coutinho, C., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009).  
Investigação-Ação: Metodologia preferencial nas práticas educativas. *Psicologia, Educação e Cultura*, 13(2), pp. 262-479.
- Curtis, A. (2006). *O brincar em diferentes culturas e em diferentes infâncias*. In Moyles, R. J. & cols. *A excelência do brincar*. Artmed, (pp. 39-49).
- Ferreira, D. (agosto de 2010). O direito a brincar. *Cadernos de Educação de Infância*(90), pp. 1213.

- Gesell, A. (2000). *A criança dos 0 aos 5 anos*. D.Quixote.
- Gomes, B. (2010). *A importância do brincar no desenvolvimento da criança*. Cadernos de Educação de Infância, Nº 90, APEI, pp. 45-46.
- Goldschmied, E. (2007). *Educação de 0 a 3 anos: O atendimento em creche* (2ª edição). Artmed Editora.
- Hanscom, A. J. (2018). *Descalços e felizes: Como a brincadeira ao ar livre promove crianças fortes, confiantes e capazes*. Livros Horizonte.
- Hohmann, M.; Weikart, D. (1997). *Educar a criança*. Fundação Calouste Gulbenkian.
- Jablon, J. R., Dombro, A. L., & Dichtelmiller, M. L. (2009). *O poder da observação (do nascimento aos 8 anos)*. Artmed.
- Kishimoto, M. T. (2002). *O brincar e suas teorias*. Pioneira.
- Kishimoto, M. T. (2003). *O jogo e a educação infantil*. Pioneira.
- Kishimoto, M. T. (2003). *Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação* (7ª ed.). Cortez Editora.
- Machado, M. M. (2003). *O brinquedo-sucata e a criança*. Edições Loyola.
- Neto, C. (2020). *Libertem as crianças: A urgência de brincar e ser ativo*. Contraponto.
- Oliveira-Formosinho, J., & Araújo, S. B. (2013). *Educação em Creche: Participação e Diversidade*. Porto Editora.
- ONU (1989) Direito das crianças. Retirado de: <http://www.gddc.pt/direitos-humanos/textos-internacionais-dh/tidhuniversais/dc-declaracao-dc.html>

Post, J., & Hohmann, M. (2011). *Educação de bebês em infantários*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Rasteiro, A., Folque, M., Valente, M., Gomes, E., Simões, A., Ilhéu, M., Aresta, F. (2023). *Do Projeto Outgoing - repensar modos de relação com o mundo. Infância na Europa*, 2-8.

Silva, I., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Ministério da Educação/Direção Geral da Educação.

Teixeira, M. O., & Ludovico, A. (2007). *Educação pré-escolar: Currículo e supervisão*. Editorial Novembro.

## **Apêndices**

### **Apêndice 1 – Guião da Entrevista realizada às Educadoras**

#### **Objetivos da entrevista**

Com esta entrevista pretendo reunir dados que permitam caracterizar e compreender o percurso da Educadora Cooperante, nomeadamente o seu percurso profissional e académico. Tenho como objetivo ainda, compreender quais as suas conceções, bem como as suas experiências práticas, sobre a importância do brincar ao ar livre, recorrendo ao uso de materiais naturais.

#### **Organização do guião**

De forma a facilitar o processo e estruturação da entrevista esta foi dividida em 4 partes:

1. Percurso profissional e académico;
2. Conceções sobre o tema: “Brincar ao ar livre com foco na importância da exploração de materiais naturais”;
3. Formas de por em prática este tema na Creche/Jardim de Infância
4. Principais dificuldades.

A entrevista será gravada (com a devida autorização da entrevistada). Os dados recolhidos servirão única e exclusivamente para o meu trabalho de investigação de projeto.

## **Questões**

1. Percurso profissional e acadêmico.

**Objetivo:** Conhecer o percurso profissional e acadêmico da Educadora Cooperante.

1.1. Onde e quando iniciou o seu percurso acadêmico?

1.2. O que a levou a escolher a área de Educação de Infância?

1.3. Há quanto tempo exerce a profissão de Educadora de Infância?

1.4. Creche ou Jardim de Infância? Porquê?

2. Concessões sobre o tema: “Brincar ao ar livre com foco na importância da exploração de materiais naturais”;

**Objetivo:** Conhecer as concessões da Educadora Cooperante sobre a importância do tema acima referido.

2.1. Considera que a brincadeira ao ar livre é importante para o desenvolvimento das crianças nesta faixa etária? Porquê?

2.2. Considera que o uso de materiais naturais é importante para o desenvolvimento das crianças nesta faixa etária? Porquê?

2.2.1. O que define como sendo brincadeira ao ar livre?

2.2.2. O que define como sendo materiais naturais?

3. Formas de por em prática este tema na Creche/Jardim de Infância;

**Objetivo:** Conhecer as metodologias da Educadora Cooperante perante este tema.

3.1. Ao longo da sua experiência profissional tem incluído o uso de materiais naturais na sua prática com as crianças? Que tipo de estratégias e experiências lhe parecem mais interessantes no trabalho em creche/JI?

3.2. Ao longo da sua experiência profissional inclui a brincadeira ao ar livre na rotina diária da sua sala de Creche/Jardim de Infância? Porquê?

3.3. Quais as principais formas de proporcionar estas atividades e explorações às crianças?

4. Principais dificuldades.

**Objetivo:** Conhecer e compreender as principais dificuldades em brincar ao ar livre e explorar materiais naturais numa sala de Creche/Jardim de Infância.

4.1. Quais as principais dificuldades que a impedem de levar as crianças a brincar ao ar livre?

4.2. Quais as principais dificuldades em expor as crianças a diversos materiais naturais?

4.3. Considera que os encarregados de educação compreendem a importância do brincar ao ar livre para o desenvolvimento das crianças?

## Apêndice 2 – Respostas dadas pela Educadora A

### Questões

#### 1. Percurso profissional e académico.

**Objetivo:** Conhecer o percurso profissional e académico da Educadora Cooperante.

##### 1.1. Onde e quando iniciou o seu percurso académico?

Educadora A: Então, em 2011, Setembro, ESSE de Setúbal na licenciatura de Educação Básica.

##### 1.2. O que a levou a escolher a área de Educação de Infância?

Educadora A: Na verdade, sempre estive inclinada para a área da saúde, eu nunca pensei em ser algo que nunca tivesse uma área específica, que gostasse, que me identificasse, mas achava que iria identificar-me na área da saúde. Mas como a minha média não deu para ir atrás, nos primeiros cursos, acabei por chegar à educação básica. Eu inscrevi-me na faculdade e coloquei os cursos que eu achava que me iria identificar futuramente e que poderia ter algum futuro. E acabei na educação básica. Não, não é aquele percurso de dizer que sempre sonhei ser educadora. Não foi esse o caso.

##### 1.3. Há quanto tempo exerce a profissão de Educadora de Infância?

Educadora A: Então, há três anos, não é? Portanto, comecei ali na sala azul, sala amarela e agora a sala verde.

##### 1.4. Creche ou Jardim de Infância? Porquê?

Educadora A: Jardim de infância comecei agora há um mês. Identifico muito com a creche, na parte de serem muito mais dependentes, de quererem muito colo, precisar muito carinho e estima. No jardim de infância também é preciso, não é? Mas acabo por me identificar nesse sentido do toque. Mas estou a gostar muito desta experiência no jardim de infância, mesmo muito, se calhar até me identifico mais nesta rotina. Quando eles são muito mais autónomos, já partilham muitas experiências, já perguntam e já pedem aquilo que querem fazer e acabamos por ir mais naquilo que eles já demonstraram, os interesses deles. Essa parte é muito mais interessante nesse sentido. Mas acho que não consigo escolher uma. Acho que os educadores de infância são educadores de infância, não interessa a faixa etária delas.

2. Concessões sobre o tema: “Brincar ao ar livre com foco na importância da exploração de materiais naturais”;

**Objetivo:** Conhecer as concessões da Educadora Cooperante sobre a importância do tema acima referido.

2.1. Considera que a brincadeira ao ar livre é importante para o desenvolvimento das crianças nesta faixa etária? Porquê?

Educadora A: É muito importante porque a natureza faz parte deles, faz parte de nós. Nós temos que contactar com a natureza para também nos conhecermos a nós, a nós próprios e conhecer como é que tudo acontece na vida lá fora. As coisas não são fabricadas naturalmente e esse contacto com a natureza e perceber aquilo que somos feitos, que a natureza é feita como é, não está tudo nos supermercados, não está tudo nas lojas, a vida acontece lá fora. Por mais que nós tentemos trazer de fora para dentro, é sempre melhor ir lá para fora.

2.2. Considera que o uso de materiais naturais é importante para o desenvolvimento das crianças nesta faixa etária? Porquê?

Educadora A: Sim, porque ir ao ar livre temos que ter contacto com aquilo que nasce da terra, com as folhas, com as árvores, para além disso eles conseguem ter muito mais liberdade lá fora em termos de motricidade a vários níveis, principalmente motricidade grossa, que têm aqui no espaço da sala que é mínimo não é? E é ali no nosso exterior, portanto, tu viste pelas reações deles, as crianças tem o sentido da natureza muito apurado, a curiosidade está lá, Portanto, tu não precisas de orientar para nada, porque eles próprios vão descobrir coisas e vão te levar, como aconteceu hoje. Portanto, está mesmo dentro de nós, os adultos é que se esquece um pouco disso porque já está muito atrás.

#### 2.2.1. O que define como sendo brincadeira ao ar livre?

Educadora A: É o brincar espontâneo deles. Portanto, apesar de nós até se calhar enquanto adultos, enquanto educador, queremos que eles reparem em certas coisas, o brincar livre e eles estarem com um olhar atento de criança, com a curiosidade natural que eles têm a estarem atentos àquilo que os rodeiam, é para mim. Ou seja, se eu fosse lá para fora com uma atividade mesmo propriamente dita, em que eles tinham que estar daquela forma, como eu pensei, acho que acaba por não ser um brincar livre. Portanto, nós hoje até tu contaste a história não é algo orientado, mas depois o brincar livre para mim foi isso que fizemos depois que eles ficaram a vontade deles e exploraram no da forma que se identificava melhor e que puxava o mais importante para mim.

#### 2.2.2. O que define como sendo materiais naturais?

Educadora A: É tudo o que vem da natureza árvores, folhas de seda, terra, relva, água, poças de lama, pedras, conchas, areia da praia, mar.

### 3. Formas de por em prática este tema na Creche/Jardim de Infância;

Objetivo: Conhecer as metodologias da Educadora Cooperante perante este tema.

3.1. Ao longo da sua experiência profissional tem incluído o uso de materiais naturais na sua prática com as crianças? Que tipo de estratégias e experiências lhe parecem mais interessantes no trabalho em creche/JI?

Educadora A: Tenho tentado trazer sempre visto que aqui na instituição os espaços exteriores não existem. Quer dizer, existem, não é? Mas não temos contacto com materiais naturais, mesmo lá fora. O exterior é todo sintético, portanto não há parte natural. Então tentamos sempre trazer o que há de bom na natureza para lhes mostrar. Não tanto como gostaria ou com tanta frequência, mas também estive em creche acabamos sempre por explorar e até trazemos as coisas. É fácil trazer os materiais para eles também fazerem essa exploração. Eu até pedi este ano sempre que fossem nos passeios em família trouxessem os materiais naturais, que vissem folhas, o S. trouxe bolotas, essas coisas que também fazem com que as famílias estejam um bocadinho mais dentro da sala e, portanto, eles também se sentem parte integrante que são importantes nesse aspeto.

3.2. Ao longo da sua experiência profissional inclui a brincadeira ao ar livre na rotina diária da sua sala de Creche/Jardim de Infância? Porquê?

Educadora A: Acho importante. Neste caso estou a focar-me um bocadinho naquilo que estamos a falar, da parte mesmo do natural. Diariamente não, até porque hoje estamos a ver se foi a primeira vez que eles foram mesmo contactar com a natureza. Vão todos os dias ao exterior, embora seja muito curto o tempo, acho que deveria ser durante mais tempo. Tento incluir, acho importante, mas acho que ainda não o faço de forma consistente e durante o tempo que eles precisam. Por exemplo, se calhar eles precisavam, se calhar não precisam mesmo de todos os dias ali a relva, brincar e explorar a natureza. Portanto, se por um lado eu sei que é importante, por outro ainda não o consigo executar.

3.3. Quais as principais formas de proporcionar estas atividades e explorações às crianças?

Educadora A: Diria que talvez a forma mais fácil de procrastinar estas experiências acabam por ser outras os materiais dentro da sala ou brincar no exterior ser neste caso um espaço que vocês tem aqui. É assim, acho que as duas práticas e as estratégias que as estratégias podem complementar se, até porque eles se trazem das famílias, é daquelas experiências que eles têm com as suas famílias. Também é bom para eles quando partilham com o grupo onde é que foram, explicou a experiência. Portanto, essa parte acho também importante. Eles acabam por incluir as famílias e eles acabam por ter aquele sentimento de de partilha que são eles que trouxeram e que estão a partilhar com os amigos. O ideal é juntar essas duas vertentes, essas duas estratégias e fazer dessas estratégias uma prática diária de ter contacto com a natureza.

#### 4. Principais dificuldades.

**Objetivo:** Conhecer e compreender as principais dificuldades em brincar ao ar livre e explorar materiais naturais numa sala de Creche/Jardim de Infância.

4.1. Quais as principais dificuldades que a impedem de levar as crianças a brincar ao ar livre?

Educadora A: Eu neste momento ainda tenho algum receio de ir sozinha, por exemplo, só com a T., embora seja assim que que é praticado em todo o lado. Hoje foi a primeira experiência quero fazer mais vezes para que eles também seja algo normal, que não seja sempre uma novidade e portanto, eles já vão adquirindo os conceitos de andar na rua. O que é que podem ou não podem fazer... Portanto, neste momento a principal dificuldade é ser só eu e a Teresa. Não é? Mas acho que ao longo do tempo eles vão também habituar se a esta nova dinâmica e vai acabar por não ser uma dificuldade. Eu senti essa dificuldade na creche porque eles eram muito pequeninos e eu tinha muito receio de ir sozinha com a minha assistente.

4.2. Quais as principais dificuldades em expor as crianças a diversos materiais naturais?

Educadora A: Eu acho que não é assim grande dificuldade. Às vezes é só uma questão de logística. Neste caso a dificuldade é em expor os materiais naturais e até expô-los no meio natural. Sim, não nosso, sem dificuldade. Fazem-se, pelo menos na minha perspectiva, que é fazer em trazer coisas até para eles explorarem.

4.3. Considera que os encarregados de educação compreendem a importância do brincar ao ar livre para o desenvolvimento das crianças?

Educadora A: Eu penso que sim. Eles até são pais que privilegiam esse tipo de atividades e até quando os vem buscar tem aquela noção que eles tiveram que o dia inteiro e vão ali um bocadinho com eles para o jardim também a conviverem uns com os outros. Eu acho que os pais têm essa noção. Não sei se alguns deles são receosos em relação a isso, se ainda têm receio de que eles estejam em contacto com outras pessoas. Não posso dizer 100% de certeza, mas eles não passam isso. Eles ficaram super contentes quando souberam que íamos para o jardim, acho que são pais que têm atenção a esse tipo de dinâmicas. Quer dizer, eles sabem perfeitamente, eles no confinamento acho que estavam loucos, não é? Porque não podiam sair de casa, uma criança o dia todo em casa... imagina muitos dias inteiros. Eles precisam. Faz parte da nossa natureza. Mesmo aquelas pessoas que gostam de estar em casa quando estar durante muito tempo acabam por deixar de estar conectados. Eles precisam de correr, eles precisam de se capacitar, portanto, precisam de desenvolver as suas capacidades também. Portanto, eu acho que eles não têm essa perspectiva, os pais, pelo menos estes da sala, têm essas preocupações em termos de segurança, iguais às minhas. Sinto que todos autorizaram que eles dessem esses passeios, mas alguns deles tentaram alertar em relação à segurança de estar na rua porque conhecem os filhos, e não seis se também da personalidade deles ou de não estarem habituados a estarem cá fora, porque alguns deles dá me ideia que não.

## Apêndice 3 – Respostas dadas pela Educadora B

### Questões

#### 1. Percurso profissional e académico.

**Objetivo:** Conhecer o percurso profissional e académico da Educadora Cooperante.

##### 1.1. Onde e quando iniciou o seu percurso académico?

Educadora B: No politécnico de Portalegre, portanto na Escola Superior de Educação de Portalegre e iniciei o a trabalhar logo nesse mesmo ano. Eu terminei em julho e em setembro comecei a trabalhar na IPSS.

##### 1.2. O que a levou a escolher a área de Educação de Infância?

Educadora B: Foi por acaso, comecei por querer tirar terapia da fala, era aquilo que eu mais gostava, mas na altura não havia muitas escolas com esse curso e portanto havia poucas vagas e eu acabei por não conseguir entrar no primeiro ano e depois não fui procurar mais nada pensei que era mesmo aquilo que eu queria e resolvi fazer melhorias de notas. No ano seguinte apesar de continuar com essa ideia, queria a terapia da fala, abri um bocadinho os horizontes e entrei para educação pré-escolar, educação de infância na altura era o nome do curso, e gostei e fiquei. A ideia era mudar de curso e depois já não, pronto fiquei como educadora de infância.

##### 1.3. Há quanto tempo exerce a profissão de Educadora de Infância?

Educadora B: Comecei em 2003, o que faz mais ou menos dezoito anos de serviço (entrevista gravada em 2021).

#### 1.4. Creche ou Jardim de Infância? Porquê?

Educadora B: Nos últimos anos e tendo em conta a situação dos educadores na questão da creche na contagem do tempo de serviço, toda a situação menos agradável em termos de regalias e de funcionamento, não e público obviamente nunca podemos ter creches públicas neste momento optei por ficar no ensino público e como tal tenho sempre pré escolar no últimos anos e gosto daquilo que faço e já pus a creche um bocadinho de parte.

2. Concessões sobre o tema: “Brincar ao ar livre com foco na importância da exploração de materiais naturais”;

**Objetivo:** Conhecer as concessões da Educadora Cooperante sobre a importância do tema acima referido.

2.1. Considera que a brincadeira ao ar livre é importante para o desenvolvimento das crianças nesta faixa etária? Porquê?

Educadora B: A brincadeira ao ar livre, ou se quisermos no espaço exterior, é talvez onde desencadeia todo o tipo de aquisições, porque lhes permite ter explorações completamente autónomas, permite existir bastante partilha entre eles porque têm um espaço mais amplo e conseguem não haver tantos conflitos, e é também onde se dão melhor as maiores conexões com o mundo real e não só as quatro paredes, a cadeira, o papel... e portanto é aí que se dão as maiores aquisições, sem dúvida.

2.2. Considera que o uso de materiais naturais é importante para o desenvolvimento das crianças nesta faixa etária? Porquê?

Educadora B: Sem duvida. Se se se repararmos ao fim de um de um os dias de estar com a criança se eles tiverem uns brinquedos normais de compra eles brincam durante muito tempo, no início é uma novidade e é maravilhoso, mas se pusermos uma caixa com materiais de exploração natural desde pinhas, pedras, paus, o que nós

quisermos.... eles acabam por construir uma brincadeira com esses elementos e a imaginação deles flui a criatividade, e é fantástica porque aqueles paus passam a ser um carro, as pedras passam a ser uma pessoa, portanto tudo isso e em vez de ser o carro que eles de plástico que e só um carro e não passa de um carro eles transformam os outros materiais em qualquer outra coisa que eles quiserem portanto acho que é um um brinquedo extraordinário.

#### 2.2.1. O que define como sendo brincadeira ao ar livre?

Educadora B: Brincadeira ao ar livre é toda a brincadeira que é feita fora das quatro paredes da sala ou de todo o espaço interior, do jardim de infância, portanto se estiver uma zona aberta que não seja contemplado tanto como espaço interior e considerado ar livre, se o ar circular e se eles conseguem ter acesso a tudo o que é de natureza, a chuva, o vento e por ai fora...

#### 2.2.2. O que define como sendo materiais naturais?

Educadora B: Materiais naturais são todos os elementos que fazem parte da nossa da nossa vida, da nossa da nossa natureza digamos assim... Que não sejam fabricados pelo homem, que sejam construídos por algo que já existia não é? E que se calhar ah poderemos chamar mesmo o mundo natural.

### 3. Formas de por em prática este tema na Creche/Jardim de Infância;

Objetivo: Conhecer as metodologias da Educadora Cooperante perante este tema.

3.1. Ao longo da sua experiência profissional tem incluído o uso de materiais naturais na sua prática com as crianças? Que tipo de estratégias e experiências lhe parecem mais interessantes no trabalho em creche/JI?

Educadora B: Cada vez mais. Inicialmente se calhar era uma coisa que eu não ligava muito se calhar o equipamento que comprávamos para as salas era mais importante

e estimulava mais isto ou aquilo, e a própria caixa dizia lá que isto faz e isto, para aquilo e o objetivo é este. Mas ao longo dos anos tenho vindo a incluir mais materiais naturais na sala. E inclusive ainda não o fiz este ano, mas iremos ter uma área dos materiais naturais onde eles poderão trazer tudo o que quiserem da rua, e por isso sim, é cada vez mais visível na minha sala.

3.2. Ao longo da sua experiência profissional inclui a brincadeira ao ar livre na rotina diária da sua sala de Creche/Jardim de Infância? Porquê?

Educadora B: Isso sim! Íamos sempre (ao exterior). Independentemente de dentro da sala não trazer muita coisa para dentro, á 20 anos atrás não pensávamos muito nisso, até porque a vivência das crianças há 20 anos ou 18 anos, não são as mesmas que temos agora, neste momento temos crianças cada vez mais institucionalizadas, fechadas dentro de apartamentos, alguns jardins de infância são em apartamentos, não tem espaços exteriores, os pais não os levam ao parque, não os deixam brincar sozinhos na rua, e nisso nota se uma evolução negativa nesse sentido. Naquela altura eu não me preocupava tanto, o sítio onde eu trabalhava era numa zona rural, inclusive numa quinta, no meu início de profissão, eles tinham acesso a tudo o que era natureza lá fora e não me preocupava em ter tantas coisas na sala. Neste momento a visão é completamente contrária eles estão cada vez mais limitados nas suas experiências e acho que sim é importante que eles agora tenham mais vivências. Quanto ao espaço interior independentemente disso, eu sempre que tive utilizei. Infelizmente quando trabalhei em escolas de pré-escolar, mas em escolas com 1º ciclo nem sempre temos oportunidade de explorar o espaço exterior naturalmente, e durante mais tempo, existe um horário de recreio que tem de ser cumprido para não atrapalhar as crianças do 1º ciclo existe sempre este tipo de problemas, que são colmatadas com outras saídas, ao jardim perto da escola... Eles têm de ter momentos de exterior sem dúvida, e quanto mais tempos de exterior tem melhor estão depois a trabalhar dentro da sala e mais aprendem.

3.3. Quais as principais formas de proporcionar estas atividades e explorações às crianças?

Educadora B: Quando tivemos em confinamento, sugeri muitas vezes aos pais que recolhessem elementos e trabalhassem esses elementos. Por exemplo: Trabalhamos uma

história que era sobre um gato, uma planta, e eu pedi aos pais que trouxessem uma pedra da rua e que a transformassem num gato, que a pintassem de verde com os meninos e eles fizeram daquela pedra um trabalho relativo à nossa história, e portanto esses elementos foram importantes para colmatar a falta de ir à rua.

#### 4. Principais dificuldades.

**Objetivo:** Conhecer e compreender as principais dificuldades em brincar ao ar livre e explorar materiais naturais numa sala de Creche/Jardim de Infância.

4.1. Quais as principais dificuldades que a impedem de levar as crianças a brincar ao ar livre?

Educadora B: Várias, em 1º lugar a questão dos pais, está muito frio, muito vento, a chover. Temos um clima de 8°C, 9°C, 10°C, em pleno inverno e mesmo assim os pais não querem que as crianças apanhem frio. Depois muitas vezes quando conseguimos, não temos roupas suficientemente boas para isso, não são quentes ou impermeáveis o suficiente, e os pais depois não tem capacidade monetária para comprar. O segundo muitas das vezes é, o espaço que temos exterior, se muitas vezes, como é o caso deste ano até temos um espaço exterior que pertence ao jardim de infância bastante agradável e é amplo, muitas das vezes temos um espaço pequenino, que não tem nada para explorar tem 2 ou 3 brinquedos pré feitos e não temos área natural, não temos uma árvore, não temos um canteiro, absolutamente nada, outras vezes já tem acontecido termos esse espaço com ½ dúzia de árvores mas é reduzido ou está a ser partilhado com outras crianças e não conseguimos explora-los corretamente e noutras vezes quando nem sequer existe esse espaço exterior a dificuldade que é ir à rua quando por exemplo, e falo pelo ano atual, em que não conseguimos ir pela estrada porque não há um passeio, uma zona onde possam ir em segurança e portanto muitas vezes esse também é o impedimento.

4.2. Quais as principais dificuldades em expor as crianças a diversos materiais naturais?

Educadora B: Há materiais naturais que se podem tornar perigosos, por exemplo os paus grandes podem-se magoar, quando queremos explorar animais, e às vezes pode haver algum que seja, por exemplo: levantamos uma pedra e encontramos um escorpião, nós aqui no Alentejo temos os lacraus que são parecidos e extremamente perigosos, uma pequena cobra que pode assustar, as próprias aranhas podem morder, as abelhas. E isso às vezes pode ser um constrangimento em levá-los para certa zona onde possam mexer, e há algumas crianças que sofrem de alergias e temos de ter algum cuidado. De resto, é um constrangimento a questão da segurança o risco.

4.3. Considera que os encarregados de educação compreendem a importância do brincar ao ar livre para o desenvolvimento das crianças?

Educadora B: Acho que não compreendem totalmente, já estão a compreender mais, a pandemia trouxe-lhes essa visão, eles começaram a perceber que era muito importante estar lá fora. Viram nos fechados em casa e começaram a vê-los a regredir, não vou usar essa expressão porque não é esse o caso, mas viram-nos a estagnar em algumas competências e aquisições que estavam a fazer na ordem normal da vida e que não estavam a fazer, porquê? Porque pararam ficaram fechados à frente de um ecrã, tv ou computador, principalmente o Youtube, na linguagem nota se perfeitamente eles começaram a usar expressões do Brasil e não expressões portuguesas de Portugal, e portanto isso notou-se, e os pais não conseguem compreender. Eu acho que os educadores estão cada vez mais predispostos a isto e também estão a trabalhar isto com as famílias, a importância do espaço exterior para as crianças.